TRIP
Nº 34 CR$ 4,30
TRIP NO INFERNO
Nosso repórter foi à Bósnia, passou fome e arriscou a vida
TATUAGEM: JÁ DÁ PRA TIRAR
TRIP GIRL ESPECIAL:
Cristiane, a gata mais quente de Maresias
TANTRA: o segredo do orgasmo sem fim
VICTOR CIVITA, O CHEFÃO DA MTV:
"por pouco não virei um bundão..."
LUDMILA VESTE MAIÔ BLACK PHONE
Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição. A escolha é sua.
POLÍTICOS OUTI
O JOVEM QUER SANGU

NEW WORLD STYLE

TWENTY-FIRST

CENTURY

SEA CLUB

TEAM

RIDER

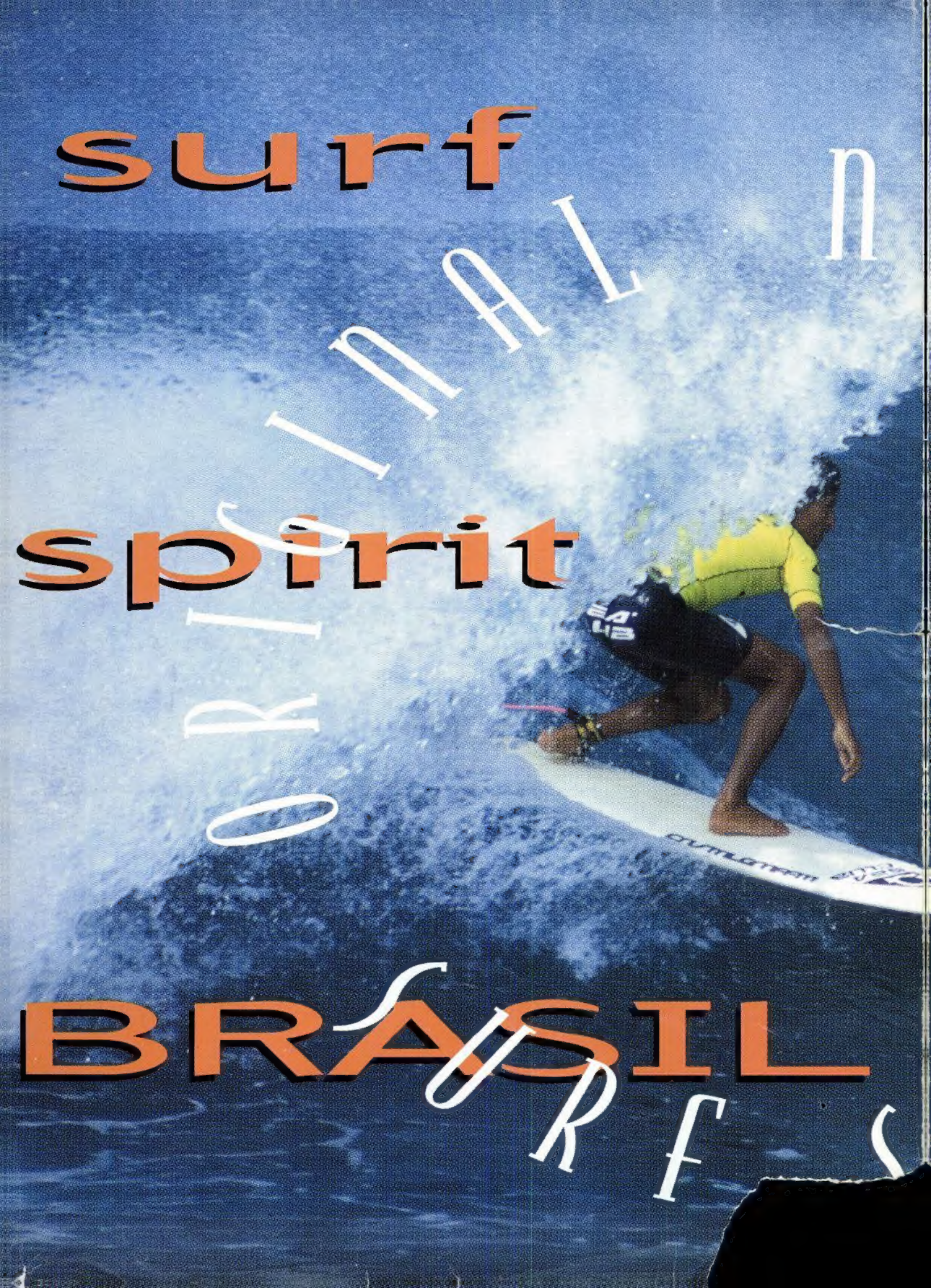
JOCA JUNIOR

SEA CLUB
Rua Urussuí, 300
CEP 04542-903
São Paulo, Brasil
phone(011)252-7756
fax(011)252-7495

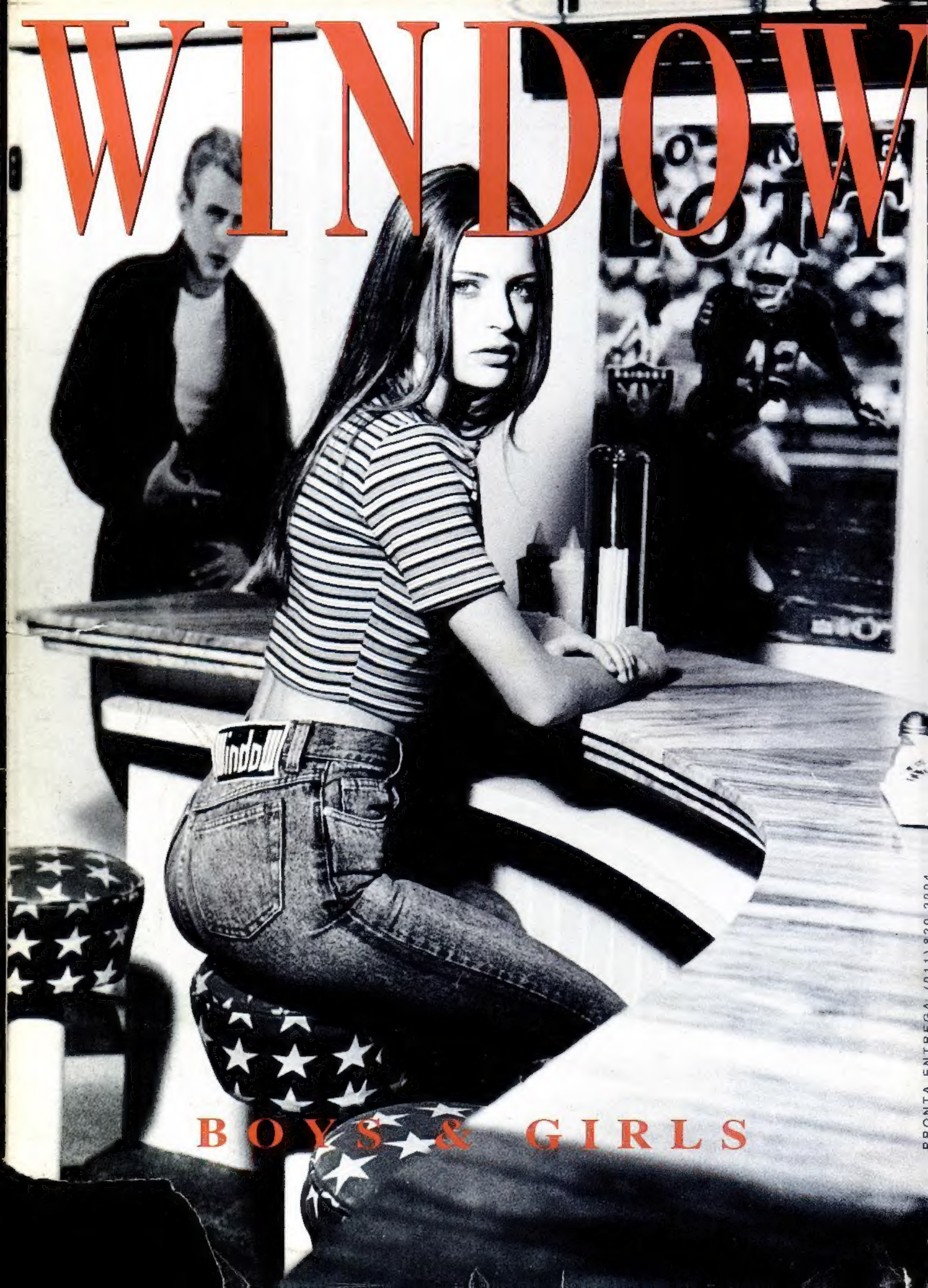
photo: Tony Fleury

surf spirit BRASIL

ORIGINAL SURFS



WINDOW



BOYS & GIRLS

BRONTA ENTREGA (011) 829-3824

foto andré sader

STREET WEAR
DE ONDE VEIO, PARA ONDE VAI ?

Na próxima TRIP, nossa equipe pesquisa o ninho em São Paulo, Rio de Janeiro, Sidney, Nova York, Amsetrdam, Paris, Sarajevo e Venice Beach.

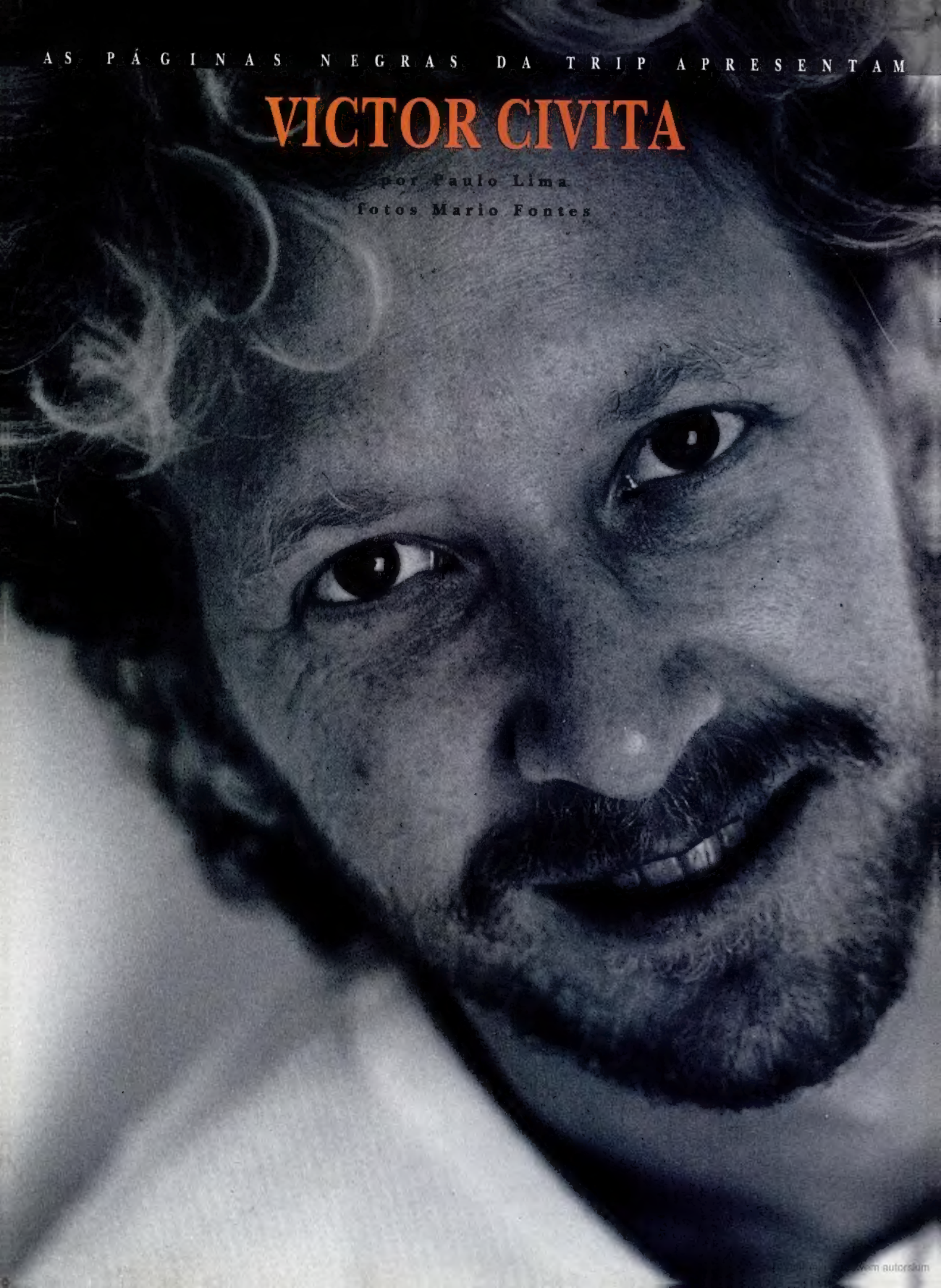
This One
QKW7-Z9X-QW7T prawem autorskim

AS PÁGINAS NEGRAS DA TRIP APRESENTAM

VICTOR CIVITA

por Paulo Lima

fotos Mario Fontes



Victor Civita, o Titti, neto do fundador do império Abril e chefão da MTV, tinha tudo para dar errado: família poderosa e rica. Ele poderia ter sido um riquinho bundão, mas teve a manha de administrar contradições, temores e esperanças e encontrar seu próprio caminho. Hoje, o que pesa é a sua capacidade de liderança, não o sobrenome.

TRIP Quando e onde você nasceu?

TITTI Nasci em São Paulo, há 28 anos.

TRIP Como foi sua infância?

TITTI Fui totalmente moleque: jogava futebol na rua, andava de bicicleta, fazia bomba de pólvora com tubo de Cebion...

TRIP Onde você estudou?

TITTI Eu estudei treze anos na Graded School, a Escola Graduada, em São Paulo.

TRIP É uma escola de americanos, não é?

TITTI Não. Lá estudam brasileiros também. Hoje tem menos, mas, na minha época, 50% eram brasileiros.

TRIP Você gostava?

TITTI Era legal. Eles vêem a escola como uma comunidade, você pode e deve participar. Vale tudo, desde ir para o grêmio até ser ator, iluminador de show, tocar bateria. Além disso, tinha atividades pós-escola — em vez de todo mundo puxar o carro depois da aula, íamos jogar futebol, vôlei, basquete. Era legal.

TRIP A Graded era uma escola meio distante, dos gringos, só tinha loucos. Era assim mesmo?

TITTI É, corresponde. *[Risos.]*

TRIP Lembro que os caras da Graded eram meio punks, tinha muita loucura lá. Por quê você acha que era assim?

TITTI Talvez porque fossem muitas nacionalidades juntas. Desde os americanos de classe média, que vinham para o Brasil obrigados pelos pais, até as suecas porra-loucas que estudavam lá. Aconteciam coisas engraçadas. Por exemplo, quando as suecas chegaram, foi geral: "Vamos comer as suecas".

TRIP Quantas suecas você comeu?

TITTI Só uma. *[Risos]*

TRIP Você tinha turma?

TITTI A gente tinha uma gangue chamada "A Mafinha", a máfia da Graded. Eram sete caras. A gente tinha camiseta com logotipo e tudo mais. Aquelas babaquices.

TRIP Qual a maior loucura que você lembra de ter feito na Graded?

TITTI A das noites que você não lembra basicamente de nada.

TRIP Depois da Graded você foi estudar nos Estados Unidos. Por que você escolheu sair do Brasil?

TITTI Porque entrei num cursinho e cheguei à conclusão que não sabia absolutamente nada. Na Graded as matérias eram optativas — sistema americano — e eu saí de lá sem nunca ter estudado Física na vida. O jeito mais fácil de fazer a universidade era lá fora. Meu curso inicial foi *Mass Comunications* — inclui Propaganda, Cinema e Televisão. Fiquei três anos nesta faculdade, em Boston. Quando encheu o saco, fui embora.

TRIP Você acha que o cara que fica aqui, independente de grana, tende a ficar pior preparado do que quem sai do país?

TITTI Acho. A mentalidade de uma universidade americana é a de ensinar a pensar. Lá você tem cursos que vão de Filosofia à Astronomia. Não é como aqui, onde você tem que trabalhar para aprender.

TRIP A vidinha no campus americano deve ser interessante, né?

TITTI A vidinha no campus... Eu morei no terceiro maior dormitório do mundo, três prédios de vinte andares cada um, com um lobby em comum e dezoito quartos por andar. É um monstro. Esse dormitório era conhecido como *The Zoo*. Na primeira semana não tem aula, é a semana de zoo. Na época a preocupação era herpes, não tinha Aids. "Cuidado com a herpes, meu filho..." Então era um bacanal.

TRIP Quando você fala dos EUA, dá pra perceber que você lembra com prazer. Você acha que hoje a sua vida é mais intensa do que era aos vinte e poucos anos?

TITTI É outro tipo de intensidade, né? Com 18, 19 anos é aquela intensidade, muita energia, noitadas até as cinco da manhã, acordar às oito e tudo bem. Hoje não faço este tipo de coisa. A intensidade é de responsabilidades ou então de grandes feitos, coisas que você faz.

TRIP Na época da Graded a Abril já tinha a importância de hoje?

TITTI Não.

TRIP Como as pessoas viam essa história da Abril?

TITTI A minha vida inteira foi assim: as pessoas tendem a achar que quando falam comigo, falam com a *Veja*. Todo mundo acha que tenho alguma relação com isso, mas para mim sempre foi uma coisa muito distante, não tenho nada a ver com a capa da *Veja*. Quando alguém fala alguma coisa, a resposta é sempre a mesma: "E eu com isso? Não tenho nada a ver com a *Veja*".

TRIP E você quer ter esta relação?

TITTI Não, não quero. Não é a minha esse lance de revista. Eu admiro quando presta um bom serviço ao País. Quanta gente será que me odeia agora? Às vezes me preocupa o número de novos inimigos que a *Veja* pode estar criando por semana, sem estar envolvido no processo. Quando leio uma matéria vou descobrindo quem me odeia por tabela. É a mesma coisa com qualquer outra publicação do grupo. Se a *Quatro Rodas* critica o Tempra, o que eu tenho a ver com isso? Eu acho injusto, mas o que eu posso fazer?

TRIP Você tem dois irmãos. Eles se relacionam melhor com o poder ou ambos têm o mesmo tipo de postura?

TITTI Minha irmã mais nova é psicóloga e trabalha num hospital dos Estados Unidos, com crianças que sofreram abusos sexuais por parte dos pais. Ela não quer nem saber da Editora ou do Grupo Abril. Meu irmão mais velho está envolvido com a TVA e talvez um dia ele se interesse pelo Grupo. Mas hoje acho que ele não está a fim.

TRIP Talvez pelo fato de estar lá dentro você acaba querendo ficar fora, evitar?

TITTI Não. O assunto não faz parte da minha personalidade, não me atrai. O lado que me atrai é a MTV. É um lance meio cultural na família tentar fazer o melhor pelo País, pela sua história. Mas eu não quero me envolver com política e com poder. Não é a minha, não almejo ter poder na vida.

TRIP Como é sua relação com o seu pai hoje e como era nessa época? Mudou alguma coisa?

TITTI Relação pai e filho. É uma boa relação, meu pai é um grande intelectual.

arquivo pessoal

Titti aos 3 anos, entre o pai e o irmão Gianca.

TRIP Vocês moram juntos?

TITTI Não, eu moro fora de casa há mais de dez anos, desde os 17. Além disso, meus pais são divorciados. Ele saiu de casa quando eu tinha 11 anos.

TRIP A separação marcou muito?

TITTI Completamente. Eu tenho um "black" de uns três anos na minha vida. Entre os 11 e os 14 não lembro de nada. Só lembro dele puxando o carro, num belo Natal, e a próxima imagem nítida é de quando eu comecei a sair com meninas, a malhar. Mas tem um *black hole* ali, que eu não sei o que rolou. Choque, meu, choque.

TRIP Ir para os Estados Unidos teve alguma relação com isso?

TITTI Não. Eu fui para lá com 17, muito depois. Foi uma decisão minha e foi a mais certa. Eu tive sorte de poder fazer isso. **Acho que se tivesse ficado aqui eu seria um bundão, riquinho bunda.**

TRIP Quando as pessoas queriam te magoar na escola, do que te xingavam?

TITTI Não tem isso de xingar de riquinho bundão ou filhinho de papai. Nunca tive esse tipo de culpa porque sempre respondia que não pedi para nascer Civita, apesar de agradecer e me orgulhar disso. Ter ido para o exterior me fez ver que Civita não quer dizer absolutamente nada.

TRIP Como era sua relação com seu avô? Quando ele morreu você já era adulto, você deve ter convivido bastante com ele...

TITTI Ele foi uma figura genial. Mas não foi um avô genial.

TRIP Por quê não?

TITTI Porque ele era um ser racional, espetacular, muito raro. Meu relacionamento com ele foi sempre muito "profissional", muito intelectualizado e pouco sentimental, e acho que quando você fala de família, o lance tem que ser outro, tem que ter o lado afetivo, o lado "e aí meu netinho, qual é?". E esse lado não teve, faltou. Eu o admiro muito, mas, como avô, prefiro o meu outro.

TRIP E as brigas entre seu tio e seu pai? Todo mundo ficou sabendo que eles romperam e seu avô sofreu muito com isso. Até que ponto você consegue analisar esta história?

TITTI Olha, não muito. Mas houve uma grande discórdia que tornou a convivência insuportável. Eu acho que não tinha outra saída, o jeito foi dividir o Grupo no meio. Os dois têm personalidades muito fortes.

TRIP Como é seu tio?

TITTI Um sabe-tudo. Ele pode te dar uma aula sobre qualquer assunto, até de MTV ele entende... *[Risos.]*

TRIP Eles se reaproximaram? Como foi a reconciliação?

TITTI É amor de irmão, né? Cedo ou tarde os irmãos lembram que se amam e pronto. Acho que deve chegar uma hora na vida — depois dos 50 — quando você se pergunta: "E aí?". O que deve sobrar no mundo é sua família.

TRIP Quando você faz uma besteira, em quem você pensa primeiro? Por exemplo, se você fizer um programa na MTV que seja uma bosta, unanimente detestado, em quem você vai pensar?

TITTI Vou pensar nas outras MTVs. *[Risos.]*

TRIP E se for uma cagada fora da profissão? Se, de repente, perdeu a cabeça e deu uma porrada no trânsito, em quem você vai pensar e falar: "Puta, que merda, o que aquela pessoa vai dizer?"

TITTI Eu acho que é meu pai.

TRIP As figuras masculinas parecem ser muito mais fortes em sua família.

TITTI A família é masculina. Os Civitas têm filhos homens. A minha irmã é a única mulher, já na terceira geração.

TRIP Você não está esquecendo uma figura importante?

TITTI Mamy? É o ser mais espetacular e emocional do universo. Eu peguei o lado racional do meu pai e o emocional da minha mãe.

TRIP Depois que se separou do seu pai, sua mãe se casou de novo?

TITTI Não.

TRIP Você teria ciúme se ela se casasse?

TITTI Claro, óbvio. Quem é esse que está com a minha mãe? *[Risos.]*

TRIP Qual a sua religião?

TITTI Sou agnóstico. Na minha família, a parte do meu pai é agnóstica e a da minha mãe é católica; portanto, sou católico. Comi uma hóstia na minha vida, a da primeira comunhão, e nunca mais rezei ou fiz um ato religioso. Eu acredito em alguma força, pode chamar de Deus, mas não sigo absolutamente nada, não acredito em Bíblia, etc.

TRIP Como foi o seu casamento?

TITTI Puramente civil, sem religião.

TRIP Como é casar?

TITTI É uma coisa maravilhosa. Metade das suas preocupações acabam de um dia pro outro. Começam outras, a responsabilidade aumenta. Agora eu sou responsável por esse ser espetacular que me acompanha, mas o foco da vida muda. **Acaba aquele negócio de "preciso comer todas".**

TRIP Essa ansiedade é uma loucura. Eu conheço gente de 46 anos que ainda tem esse problema. Você se apaixonou mesmo?

TITTI De repente você encontra alguém e pensa: "Essa pessoa me completa, com ela sou autônomo". Na vida que tenho hoje com a Susana eu não preciso sair, ver outras pessoas. Estar *full time* com ela é ótimo.

TRIP Como você conheceu a Susana?

TITTI Na MTV, ela fazia o figurino dos VJs. Um dia, minha cunhada, que é prima da Susana, me falou: "Com a minha prima você não pode fazer como sempre".

TRIP O que você fazia sempre?

TITTI Aquela velha história: come e tchau.

TRIP Você fazia muito isso?

TITTI Mais nos Estados Unidos do que no Brasil. Apesar de eu ficar maravilhado com as brasileiras. As gringas são muito duras.

TRIP Você já morou junto com alguém, antes de se casar?

TITTI Já, nos Estados Unidos, a garota não era a mulher da minha vida. Ela era ítalo-brasileira. Moramos um ano juntos e foi interessante, mas como é bom estar com a Susana!

TRIP Como é a mulher da sua vida? Como aparece este aviso?

TITTI É no primeiro pós-orgasmo. O que rola depois, como você se sente depois, como é acordar no dia seguinte e passar o dia inteiro junto. Esse é o lance, quão compatível a gente é. A gente olha para as coisas muito do mesmo jeito, tem uma visão muito parecida do mundo, de arte, de cinema.

TRIP Agora, quando não é a mulher da sua vida e você acorda do lado, depois de gozar, como fica?

TITTI Eu disfarço.

TRIP Já te deu aquela velha vontade de detonar a mulher, jogar pela janela?

TITTI Milhões de vezes, mas nunca faço isso. Eu finjo que estou completamente apaixonado.

TRIP Quer dizer que você é meio fingido?

TITTI Eu sou. *[Risos.]*

TRIP Você se acha bonito?

TITTI Me acho charmoso.

TRIP As mulheres da MTV, por exemplo,dão em cima?

TITTI Eu sou muito tapado, não percebo. Se não chegar pra mim e falar "meu, quero te comer", eu não percebo.

TRIP E já te falaram isso?

TITTI Já.

TRIP Como você reagiu? Geralmente o homem fica com medo disso.

TITTI A primeira vez que me falaram isso eu respondi: "Olha, não vai dar".

TRIP Você ficou com medo?

TITTI Não, não é assim. Ela era do grupo. Na época eu não era chefe dela, falei com meu pai sobre esse detalhe. E aí meu pai me explicou a "lei do cone".

TRIP Que lei é essa?

TITTI É o seguinte: se a pessoa não está hierarquicamente embaixo de você, ou seja, não faz parte do seu cone, tudo bem. *[Risos.]*

TRIP Você já fez análise?

TITTI Já, uns bons seis anos.

TRIP Qual a sua avaliação?

TITTI Eu acho excepcional. Eu estudei psicologia nos EUA. Enquanto fazia comunicação, fiz psicologia. Só arreguei no final, quando tinha que estagiar em hospícios — dei uma pirada. A minha conclusão é que análise nunca tem fim, não existe alta. Sempre aparece um lance novo para trabalhar.

TRIP De que roupa você gosta? Você presta atenção em moda, ou pelo menos tem uma linha?

TITTI Eu não presto atenção em moda, eu tento usar roupas confortáveis, que não me apertem. Sou anti-calça, escolho as que não são incômodas, fora aquelas cafas. E neutras, eu sou mais monocromático.

TRIP A que horas você acorda?

TITTI Depende. Três vezes por semana eu jogo tênis às 8h45.

TRIP A que horas você chega na MTV?

TITTI Basicamente às dez. Fico até a hora que for. No começo era até nove, dez da noite. Hoje saio sete e meia, oito horas.

TRIP Na MTV você não ganhou o poder logo de cara, teve que batalhar. É aquela história do pai que não quer dar boi para o filho? Por quê você não assumiu logo de cara?

TITTI Porque o filho não queria o boi. **O filho continua achando que ter o boi não é a melhor coisa do universo. Só estou mandando porque não tive alternativa.** Quando juntamos MTV e TVA no mesmo grupo (a TV Abril) precisávamos de uma pessoa responsável, além do trio de comando. Eu tive que assumir senão ia acontecer uma revolução lá dentro.

TRIP Você acha que aconteceram erros na instalação da MTV?

TITTI Claro.

TRIP De zero a dez, quanto vocês erraram?

TITTI Uns quatro. E continuamos nesses quatro.

TRIP Quantas vezes por semana você conversa com seu pai?

TITTI Poucas. Ele não entende de MTV e nem quer entender.

TRIP Tem uma história de confiança nisso, não é?

TITTI Foi difícil conquistar, mas é verdade.

TRIP A confiança é irrestrita?

TITTI É, porque eles sabem que tenho objetivo.

TRIP Você consegue sair de dentro da MTV e assisti-la como espectador?

TITTI Consigo.

TRIP Como é a MTV?

TITTI É do caralho! *[Risos.]*

TRIP O que você mais gosta e o que não gosta?

TITTI Depende do dia. O que mais gosto é do visual, das artes gráficas, da linguagem da MTV. Por outro lado, também é o que menos gosto. Um bom corte seco, como num longa metragem, também é insubstituível, apesar da MTV fazer pouco.

TRIP Você assite MTV em casa?

TITTI Não. Assisto o dia todo no trabalho e mando gravar os pedaços que quero ver, os eventos especiais.

TRIP Do que você gosta fora a MTV?

TITTI **Assisto pouca televisão. Pra falar a verdade, eu não assisto nada.**

TRIP Não tem nenhum programa que chame a sua atenção?

TITTI Ah, o *Programa Legal* eu achava legal. O Jô Soares já foi melhor, gostei muito do começo de *Renascer* — todo mundo falou e quando fui ver achei legal mesmo, de primeiro time, muito bem feita. Mas sou contra novelas, não assisto.

TRIP Você nasceu no meio de revistas. O que você gosta de ler?

TITTI Revistas de computação — *MacUser*, *Mac World*, *Wired* e uma nova, que acabei de descobrir, que chama *Ray Gun*. Leia, é um show. Às vezes, leio a *Time*; raramente leio *Veja*. Faço questão de ir à banca comprar revistas. Ah, quando a TRIP cai na minha mão, eu leio e gosto, admiro a TRIP.

TRIP Como você é visto na MTV?

TITTI Deve ter gente que me enxerga como um cara que sabe do que está falando, deve ter quem ache que sou um chato, alguns devem achar que sou bonzinho demais.

TRIP Você já foi convidado para fazer uma entrevista assim?

TITTI Eu já dei entrevista, mas não pergunta-resposta. Sempre distorceram. Eu cheguei à conclusão que jornalista distorce. **A *Veja* já distorceu o que eu falei. A *Folha* também.**

TRIP Por que você resolveu fazer a entrevista?

TITTI Porque acho que a entrevista da TRIP é diferente das outras — mais descontraída — e o tipo de gente que lê me interessa.

TRIP Qual a pior revista da Abril?

TITTI Tem tantas, né? *[Risos.]* Não sei, qual é a pior revista da Abril? A média é legal, mas são muitas revistas. E tem tanta falta de competição nesse país! Eu acho que deve chegar num ponto em que a redação está fazendo meio automaticamente, sem estar ligada na concorrência. Pode ficar uma edição um pouco ruim, a outra um pouco melhor.

TRIP Você tem medo de morrer?

TITTI Não penso nisso. Se pensar acho que vou ter medo, porque não acredito em paraíso. Acho que, psicologicamente,

De cima para baixo: Titti (d) com o mano Gianca pegando onda no Guarujá, 1973; com o bolo dos 5 anos; com seu cachorro Bu; na escola, aos 7 anos; Giancarlo, Roberta e Titti, 1970; Em N.Y.C., com um chapa da faculdade, 1988; a "Mafinha" da Graded: Titti é o quarto a partir da esquerda.

fotos arquivo pessoal

arquivo pessoal

Casando com Susana, 1993

a morte é a fonte dos problemas de qualquer ser humano. Se você fosse imortal, não teria problemas. Quando existe a noção de tempo, envelhecimento, que vai acabar, isso gera problemas. Se eu fosse imortal, eu não teria problemas.

TRIP E de envelhecer, você tem medo?

TITTI Não, eu acho que homem leva uma certa vantagem nisso, né? O famoso "ruga charmosa". Meio gordo, meio decadente, mas gostosão. *[Risos.]*

TRIP Vamos fazer um bloco sexy.

TITTI Tá, eu sabia que ia ter, a TRIP sempre faz o bloco sexy...

TRIP A gente está numa fase recatada, mas não dá para abrir mão. A gente chegou à conclusão que já encheu o saco essa superexposição.

TITTI É, não pode forçar, senão fica aquela mesmice.

TRIP Qual é sua fantasia?

TITTI Uma transa legal. Eu acho que orgia deve ser muito interessante.

TRIP A tua primeira vez foi com puta, como a maioria da nossa geração?

TITTI Na primeira vez eu trepei com puta. Foi a única, fiquei muito frustrado.

TRIP Como foi esta história?

TITTI Foi terrível. Aquela coisa, "entra e pode ficar à vontade. Aí, você não é cabaço não, né?". Resposta de lei: "Eu? Imagina, eu cabaço?!" *[Risos.]*

TRIP Era um puteiro clássico, tipo Olga?

TITTI Não era na Olga, mas era do naipe. Foi aquela coisa: quatro bombadas e fim. Nem sei o que aconteceu, só percebi que era quente e escorregadio.

TRIP Como você se sentiu?

TITTI Por um lado, realizado — afinal, sou homem. É a mesma história de quando comecei a fumar: "Ô, agora eu fumo". Por outro lado, completamente vazio. Nunca mais trepei com puta.

TRIP Como é que você faz pra não ficar louco e também não ser seqüestrado?

TITTI Quando cheguei, em 90, alguém começou: "Você tem que tomar cuidado". Eu sou meio desencanado, mas de repente ganhei dois seguranças treinados e tudo mais. Hoje tenho uma escolta. Eles ficam comigo o tempo todo, da hora que eu saio de casa até dormir.

TRIP E isso não enche o saco?

TITTI No começo enchia. Mas o quê eu posso fazer? É a história do começo da entrevista. Se a *Veja* cria inimigos e tem gente que quer me seqüestrar, eu ando com segurança. Enche um pouco o saco, porque vivi completamente livre até os 25 anos de idade, morando em Nova York. Nunca pensei em seqüestro.

TRIP Você lembra de alguma moda que não parecesse bobagem depois de uns anos?

TITTI Moda é isso.

TRIP O que é arte?

TITTI Arte é a expressão interior de cada um. Não tem definição.

TRIP Você percebe quando um videoclipe é arte e quando é só música?

TITTI Arte é uma grande idéia. Num clipe, é uma grande idéia. É isso. **Um videoclipe não é chacoalhar a câmera. É uma sacada brilhante.**

TRIP Tem alguma rádio que te interessa aqui em São Paulo?

TITTI . Tive uma fase de Antena 1, que achei muito interessante. É claro que sempre escuto a 89, acordo ao som da 89. Estou escutando a 97 agora, porque o sinal ficou bom. As outras deram uma caída. Estou tentando sintonizar a famosa Transcontinental, que é nº 1 e diz que o bom é samba. Concordo que samba é do cacete, mas a rádio pega muito mal.

TRIP Por quê não tem samba na MTV?

TITTI Porque não tenho videoclipes de samba.

TRIP Daria pra fazer um? Ou a MTV não produz mais?

TITTI A MTV produziu no começo, para provar que produzir videoclipe é uma boa. E conseguiu.

TRIP Agora as gravadoras fazem?

TITTI O país está complicado com a recessão, mas, na medida do possível, elas fazem.

TRIP Que jornal você lê?

TITTI A *Folha*. Mas estou pensando seriamente em assinar o *Estadão* também, porque a *Folha* está um pouco escandalosa.

TRIP Como assim?

TITTI Se você comparar, as manchetes são completamente diferentes. O enfoque da *Folha* às vezes me parece um pouco fofoca, tem um tom de fofoca. *O Estado* parece um pouco mais sóbrio. Acho que você tem que ler os dois, mas não leio jornal todo dia.

TRIP Quem você teria curiosidade de conhecer? Vivo ou morto?

TITTI Várias pessoas... Freud. É um chavão, mas conhecer uma mente maluca como a dele deve ser fascinante.

TRIP E entre os músicos?

TITTI Algum compositor clássico. O Beethoven quando estava compondo os *Nocturnes*, deve ter sido uma fase bem deprimente. Ou então Mozart. Mas é que Mozart já está pintado, por ter visto *Amadeus*. Mas compositores de música clássica.

TRIP Vamos para o departamento *Vejinha* da entrevista. Que restaurantes você gosta?

TITTI Eu gosto de comida italiana e de carne. Paulista Grill, Rodeio. No inverno, o Freddy. Também gosto do Spaghetti Notte.

TRIP Cinema?

TITTI Se tiver alguma coisa legal no Comodoro, eu topo. Fujo dos shoppings, apesar de morar perto de um. Só entro lá num horário esdrúxulo.

TRIP E casa noturna?

TITTI Não vou.

TRIP Como foi o lance de drogas na sua vida?

arquivo pessoal

Casamento: Tão legal que tem até "briga de faca".

arquivo pessoal

TITTI Olha, eu experimentei maconha, mas nunca peguei pesado.

TRIP Você acha que maconha é droga?

TITTI Não. Álcool é pior.

TRIP Você gosta de beber?

TITTI Bebo raramente. Durante esta entrevista, por exemplo, bebi um pouco.

TRIP Qual o maior prazer da sua vida?

TITTI Sexo. Sexo.

TRIP Duas vezes?

TITTI Três.

TRIP Vamos falar sobre a questão da publicidade e do editorial. O velho debate.

TITTI Ah, esse eu adoro

TRIP Qual é o limite? O ombudsman da *Folha*, por exemplo, questionou seriamente a postura do *Jornal da Tarde*, que está colocando anúncios sem espaço padrão. E ele está achando que "passaram dos limites". Vi um profissional de propaganda levantando a questão com relação à *Veja*. Recentemente eles publicaram uma matéria — que foi também capa da *Newsweek* — sobre vitaminas. A conclusão foi a seguinte: tomar vitamina faz bem mesmo, não deixa envelhecer e nem ter câncer. E o publicitário disse o seguinte: "Um grupo de laboratórios acabou de investir uns 4,5 milhões de dólares em propaganda na Editora Abril. São dez duplas em cada revista". A questão era: por quê essa matéria saiu? Eu fui checar e a matéria tem cinco citações do tal grupo. Você é um cara de comunicação, que estudou fora, que está com um dos veículos mais modernos do Brasil. Qual a sua posição diante disso?

TITTI Sobre a *Veja*, eu não sei. Eu não sabia nada, é tudo novidade. A pergunta que faço é: o contrato foi fechado antes ou depois da matéria sair? Não sei, mas eu conheço a postura da família e do Grupo. Que eu saiba, não rola esse tipo de coisa. Eu não me intrometo. Mas não rola nem na MTV.

TRIP Se você descobrisse que o contrato tinha sido feito seis meses antes, você desconfiaria?

TITTI Eu iria ver quem escreveu a matéria. Não cabe a mim, não me intrometo na *Veja*. Mas eu iria achar muito desagradável. Se eu fosse o superior desse cara, ele estava fora. A minha postura é essa. Na MTV não rola esse tipo de coisa. E pedem, pedem pra cacete. Não tem jabá na MTV, nem *product placement*, nem um departamento de merchandising. Acho muito mau esse tipo de coisa. Acho que você está enganando o telespectador. Você pode estar tratando o seu leitor como um idiota que não percebe que você está ganhando em cima dele. Acho um desrespeito para com o consumidor do seu produto.

TRIP Você acha que têm maneiras inteligentes de fazer isso?

TITTI Não. Acho muito difícil, porque um ser com um pouco mais de inteligência saca.

TRIP Mas alguém disse que a MTV é o único canal de televisão do mundo que é propaganda 24 horas.

TITTI Depende do ponto de vista. Até aí, uma rádio também é, qual a diferença? A MTV não concorre com outros canais de televisão. Eu não me preocupo com outros canais de televisão, me preocupo com rádios FM. As outras emissoras ficam preocupadas com a MTV. A nossa postura lá dentro é: se a Globo tem *Renascer* ou *Mulheres de Areia*, e se o SBT vai começar uma novela nova, ótimo. Eu não estou nem aí.

TRIP Se amanhã o departamento comercial da MTV vender uma matéria num programa de jornalismo qualquer...

TITTI Eles não vendem uma matéria

TRIP E se o fulano usar uma camiseta com marca. Pode ou não?

TITTI No jornalismo não acontece isso. A gente está tentando evitar. Se alguém comprar uma cota de um programa, uma parte da cota pode ser fornecer roupa, esse tipo de coisa. Mas eu caio matando em cima. Se eu vir um puta logo em alguém, eu falo: "O que é isso?" Outro dia o Thunder apareceu com um logo. Erro de figurino. Deram uma camisa pra ele com a marca atrás para fazer o CEP MTV. Apareceu e eu fiquei puto da vida. E a mulher do figurino explicou: "Foi sem querer, eu achei que ele iria estar de frente e ele virou".

TRIP Você já teve que mandar embora alguém por causa de cagada?

TITTI Não, nunca. Acho que é difícil mandar alguém embora. Não saberia fazer direito.

TRIP Você já mandou?

TITTI Já, por ineficiência. Não cagada sumária, mas a pessoa não era boa no que fazia.

TRIP Você se sentiu mal depois?

TITTI Não muito. Na hora eu estava meio com pena, depois ficou a sensação "que bom que foi embora, já foi tarde".

TRIP Como funciona a tão falada seleção dos videoclipes na MTV? Tem política, não tem política? Tem jabá, não tem jabá?

TITTI A história é muito simples. Toda segunda-feira a gente faz a reunião de aquisições. Participam sete pessoas, número ímpar para não ter empate — o Zeca Camargo, a Cali Cohen, a Yone Sassa, a Carol Maluf, a Paula Perin, eu mesma e a Anna Butler. São analisados mais ou menos 60 clipes, escolhidos para aquisição. **A MTV tem que pagar para usar os clipes, ao contrário do que muita gente pensa.** chamada de rotações, onde fazemos uma espécie de revisão no que está rolando, baseada em pesquisas semanais, por telefone, com os ouvintes. A gente liga para os telespectadores e pergunta o que eles estão achando. E também nas paradas mundiais, os tops das revistas internacionais, etc.

O Dândi dos 11 anos (esq.) se transformou num homem de estilo despojado (dir.).

Titti, mesmo sem querer o boi, comanda com tranquilidade em seu escritório high-tech.

TRIP Você acha que a juventude é boçal?

TITTI Longe disso. A juventude é juventude. Uma vantagem de estar na MTV é que você continua sendo juventude, você não envelhece.

TRIP Quantos anos vamos precisar para o Brasil ser um país decente?

TITTI Eu acho que não é na nossa vida. Precisamos investir massivamente em educação e esperar 50 anos. **A educação neste país é uma piada.**

TRIP Se você tivesse que assumir o Grupo Abril, o que você faria?

TITTI Não assumiria. **Sou um pirralho de 28 anos, afundaria os negócios em um mês.** Caso fosse obrigado, criaria o famoso *Board of Directors*, um conselho diretor para gerenciar os negócios. E ia perguntar pro meu pai quem deveria fazer parte deste conselho — mesmo se ele estivesse aposentado e morando em Barbados.

TRIP A impressão que dá é que você cago para o Grupo.

TITTI Não. Agradeço a Deus pelo Grupo existir e ter viabilizado a minha participação na MTV. Mas eu não quero saber de revistas.

TRIP Se você não tivesse nascido Civita você seria diretor da MTV?

TITTI Poderia, se tivesse a mesma trajetória: estudar fora e ter trabalhado um ano na MTV americana.

TRIP Separei duas revistas para esta entrevista: a *Meio & Mensagem* (revista de propaganda, voltado para publicitários e o pessoal de marketing) e a *Pay TV* (uma revista sobre TV a cabo, por assinatura). As duas são de julho e têm posições totalmente antagônicas sobre o Grupo. Diz a *Pay TV*: "A Abril evitava falar da situação financeira do seu grupo, encabeçado pela maior editora de revistas do país, que passa por uma séria crise, tendo demitido nos últimos dois anos mais de 2.000 funcionários e fechado diversas publicações para fazer frente a uma dívida de cerca de 115 milhões de dólares. Essa dívida, metade da receita anual, foi contraída por causa das pesadas perdas sofridas no negócio de *pay TV* e da severa crise que atingiu todo o setor editorial nos últimos anos. As dificuldades chegaram a abalar a *Veja*, principal produto do grupo Abril". A *M&M* diz o seguinte: "Na Editora Abril, por exemplo, o diretor superintendente Ronald Degen garante que neste ano será possível alcançar uma rentabilidade recorde, superior em quase o dobro à de 86, época do plano cruzado. A crise ensinou aos empresários que é preciso atirar no alvo sem erros". Qual é a versão certa?

TITTI As duas estão certas, porque de um lado você tem essa dívida, nem sei se é essa a quantia, nem sabia dos 2.000 funcionários, enfim. Mas, falando como se fosse o Grupo: estamos investindo, então não é uma dívida, é investimento. E, historicamente, esses investimentos de *Pay TV* são monstruosos. E não são centenas de milhares de dólares. Na Inglaterra, por exemplo, foram 3 bilhões de dólares de perdas, antes de alguma coisa acontecer. Então eu não olho pra isso como uma perda, eu olho como um investimento, que é a longo prazo, 5 anos. A outra é que bom que o Ronald Degen está dizendo isso. Eu não sabia."

"N. da R.: Algumas semanas depois desta entrevista, o Grupo Abril anunciou um acordo com um importante grupo estrangeiro, que adquiriu 30% das ações da TV Abril.

TRIP Te preocupa a possibilidade de amanhã a Abril ficar fraca, perder dinheiro, ter prejuízo, começar a ficar pequena?

TITTI Não, no pior dos casos fecha e a gente fala: "Bom, a gente brincou de televisão e revista por um bom tempo. Qual é a próxima? Que que tem aí pra fazer?" Têm milhões de coisas.

TRIP Você acha que de uma certa forma isso podia ser até bom pra você?

TITTI Não faz muita diferença, porque eu não me vejo dentro da MTV ou do Grupo por muito mais tempo, entendeu. Quer dizer, **não posso saber o que vou estar fazendo na minha vida dentro de cinco anos, mas certamente não vou estar na MTV e nem dentro do Grupo Abril.** Eu acho que fico na MTV por mais dois anos, talvez.

TRIP O que você gostaria de fazer na vida?

TITTI Não sei. Hoje eu recebi uma proposta de abrir uma produtora, ontem fui convidado pra fazer uma campanha publicitária de uma fábrica de maiôs, enfim...

TRIP Como modelo?

TITTI Claro, meu. Você acha o quê? Pelado. (Risos.)

TRIP Então vamos fazer assim: sua foto pra entrevista.

TITTI Com a sunga na cabeça. Não, olha, o que eu quero fazer na vida é mexer com comunicação, me interessa. Mas visual. Aquele chavão, fazer um longa. Ou dois ou três. Ou produzir algum, não sei.

TRIP O que você levaria pra Marte se tivesse que fazer uma amostra do que há de interessante no Brasil, na cultura brasileira?

TITTI Eu levaria uma edição de domingo de cada grande jornal do país e uma compilaçãozinha de três horas da Rede Globo, um pouco de MTV e um pouco das outras. Mas, basicamente, levaria uma edição de domingo de cada grande jornal. Só. Não precisa nem um Fusca.

TRIP Se você tivesse que fazer um ranking de músicos brasileiros, sem escolher rótulo, quem você escolheria?

TITTI Caetano Veloso, João Bosco, Gilberto Gil. Mais Caetano, Caetano...

TRIP E o rock nacional, existe?

TITTI O rock nacional vai existir cada vez mais e inclusive será o foco da MTV de agora em diante. Prepare-se para 94.

TRIP Então o que você ouve no walkman, de rock nacional?

TITTI Eu não tenho walkman...

TRIP Bom, o que você ouve no seu carro, de música nacional?

TITTI Ouço rock na MTV. Escuto música clássica, reggae, jazz. Rock & roll... se você me perguntar daqui a um mês, a resposta será outra. Mas eu diria que uma banda legal é Mulheres Que Dizem Sim. Boi Manão é outra que escutei e achei boa. O foco da MTV pro ano que vem é o rock & roll independente. Claro que a gente continua com os monstros nacionais — Titãs, Barão Vermelho, Paralamas — mas acho que o Brasil está precisando de um empurrão na outra área, e acho que a MTV tem que desempenhar esse papel.

TRIP Desde quando a MTV surgiu, mudou bastante o jeito da moçada se comportar. Você não fica meio assustado com a responsabilidade de uma hora pra outra ter uma legião marchando com camisa de flanela?

TITTI Não tenho o menor problema com isso, acho que é isso aí: com 15, 18 anos, você está procurando o seu ídolo e precisa se espelhar em alguma coisa. Então, se o seu ídolo é grunge, você se veste como grunge, entendeu? Eu tive isso quando fui estudar nos Estados Unidos, no começo dos anos 80, e me deparei com a MTV e vi aquele pessoal vestidinho com umas baianadas puras, e eu queria me vestir assim.

FOTO: EDUARDO GIRÃO

Design e Cores

A Monark combinou o mais avançado design com as mais modernas cores cítricas que uma Mountain Bike pode ter. Você pode escolher o Quadro em amarelo, verde ou vermelho, contrastando sempre com o azul do Garfo e do Guidão.

Freios M. System

Esse sistema de freios é o mais avançado do mercado. Foi desenvolvido pela Shimano e garante total segurança e precisão na hora da frenagem, tanto em trilhas enlameadas como em terrenos arenosos ou ruas molhadas.

Cubo Cassete

A Monark Altus vem equipada com o Grupo Shimano C10 que traz o sofisticado sistema Cubo Cassete. Além de garantir maior segurança para você, esse sistema facilita a manutenção e a durabilidade da sua Mountain Bike

MONARK ALTUS

COMO FIXAR
O HOMEM
NO CAMPO.

LINHA MOUNTAIN MONARK

monark

VOCÊ
CHEGA LÁ.

RUN, RUN, RUN, RUN,

Thais
Prainha
Brazil

Brock Little
Reef Brazil World Team
North Shore

THE ESSENCE OF THE SANDAL

The Forte' Sandal

Reef Brazil, USA 2015 Garnet Ave., Suite 104-121 San Diego, California 92109 (619) 691-0490 FAX: (619) 691-0594 **Reef Brazil Worldwide Australia** Reef Australia 52/61 5500 **Belgium** Transind 02/521 9502 **Canada** Voca 604/984-8793 **Canary Islands** M. Guerra 922/21-3722 **Chile** L & V Ltd 02/231-5239 **Costa Rica** Mango 25-1067 **Denmark** Chalmer 031/625-762 **France** Holl 59 63 07 34 **Germany** Peter Ecker & Co 081/515-0207 **Greece** Elxan S. A. 01/807-5535 **Holland** Riptide 20/645-1940 **Italy** Wings Italia 051/744-478 **Japan** Hasco 06/774-0091 **New Zealand** Reef New Zealand 09/486-6308 **Portugal** Luis Falcao 01/726-4116 **Spain** Transimex 94/457-0614 **Sweden** Fjallsportar AB 0171/67780 **Switzerland** Sunshine Dif. 032/95-2018 **Tahiti** Amex 42-1145 **U.K.** Watersports Co. 0243/786-056 **Uruguay** The Surfshop 02/90-5421 **Venezuela** Rep. Pipeline 02/793-1635
Distribuidor Exclusivo no Brasil Hang Loose Ind. Com. Ltda. - Tel. (011) 221-3268 FAX: (011) 223-0869

O QUE VOCÊ
VAI CONTAR PARA
SEUS NETOS?
O QUE VOCÊ
DEIXOU DE FAZER?

Não há nada de mal em ficar velho um dia. Cabelos brancos têm lá o seu charme. Ou podem ser tingidos. Mas não se pode tingir uma vida em branco.

Saia um pouco de casa. O lar, doce lar - como tudo o que é doce - enjoa. Vá mais longe que o de costume. Explore novos caminhos, suba montanhas, descubra cachoeiras, ouça o silêncio.

Existem lugares incríveis onde simplesmente respirar fundo já é uma experiência que vale a pena.

Só não tente ser aventureiro com qualquer sapato. A maioria deles não nasceu para isso. Use Countryside Samello. Macio, resistente, cano alto ou baixo e solado em borracha natural. Feito sob medida para agüentar as aventuras de um futuro ídolo dos netinhos. E com um design

tão bonito que nada impede que você se torne um ídolo desde já.

Calce um Countryside e saia sem rumo certo. Ou com rumo certo, desde que pelo pior caminho. Prestando atenção nos pássaros, no céu, nas árvores, nas montanhas. E, sempre é bom, nos buracos.

Countryside

Maiores informações sobre estes produtos ligue grátis: 0800-15-5115

Samello

BERÇO DE OUR

Eles não escolheram, mas desde cedo já têm que lidar com as facilidades e as dificuldades geradas pelo poder. É assim que a geração dos filhos do comando leva a vida.

Por Cristina Ramalho
Fotos Gui Von Schimidt

Não fosse o fato de ostentarem nos seus R.G.s o parentesco legítimo com Antônio Ermírio de Moraes, José Serra, Alberto Goldmann, José Mojica Marins, Carlos Alberto Parreira ou Oswaldo Stecca, eles até que passariam por cidadãos normais. Há o lado champagne com cerejas da história: sobrenomes importantes garantem ingressos nas festas, nos escritórios, nos empregos. Mas os filhos do poder têm que passar seus dias respondendo perguntas que não lhe dizem respeito, driblando pedidos de favores e justificando o por quê dos seus sobrenomes. Acredite: aquele mundo de colunas sociais, badalações regadas a conversas amenas e bastidores políticos cria o maior conflito de gerações.

O melhor projeto do tucano José Serra nunca vai passar pelo Congresso: sua filha, Verônica.

Nem todos os filhos seguem as trilhas dos pais famosos. A maioria prefere ficar indiferente ou mesmo contra a família (quem já não viu esse filme?). O arquiteto **André Goldmann**, 26 anos, até nega que é filho do primeiro casamento de Alberto Goldmann, o atual ministro dos transportes. "Nunca usei o fato de ser filho do ministro para vantagens pessoais. Quando alguém me pergunta se sou parente dele, até escondo isso", diz André. Tanto que ele nem topou ser fotografado pela TRIP, para ninguém reconhecê-lo.

André votou no pai em todas as eleições e admira o trabalho dele, mas quer distância. O pai (famoso comunista) vivia fazendo reuniões políticas em casa. "Eu não sentia problemas em ser filho de um judeu comunista, não havia discriminação no colégio ou em outros lugares". Até que, um belo dia, um telefonema anônimo ameaçou toda a família de morte. "A partir daí meu pai nos ensinou a tomar o maior cuidado com as pessoas na rua, negar que éramos seus parentes" Se alguém lhe pergunta algo do pai ou pede um favor, André se limita a dar o número do telefone do escritório do ministro em Brasília. Hoje ele mora sozinho, trabalha num projeto de recuperação da represa do Guarapiranga e prefere ter a vida mais simples possível.

Medo de seqüestro

Entrevistar os filhos dos poderosos exige maior paciência do que para falar com os pais. A maioria se recusa a abrir a boca, talvez por medo de seqüestro ou prevendo alguma chateação por aparecer numa revista. Curiosidade: o único homem que concordou em falar foi André. Todos os outros se esquivaram de perguntas. Mas muitas filhas de gente que freqüenta as manchetes de jornais não hesitaram em revelar o dia-a-dia de quem tem um sobrenome.

"O que mais me incomoda é a opinião pré-concebida das pessoas", confessa **Verônica Serra**, 24 anos, a filha mais velha do deputado federal José Serra, do PSDB. Ex-militante no movimento estudantil, nos tempos que estudava Direito no Largo São Francisco, Verônica sofria com o tratamento do pessoal da faculdade. "Quando a nossa chapa venceu, a faculdade inteira dizia que tinha grana do Serra na história", lembra. Para piorar as coisas, ela ocupou o cargo de tesoureira do C.A. XI de Agosto. "Toda vez que alguém da faculdade me conhecia melhor, acabava se arrependendo de ter falado tão mal de mim", orgulha-se. Talvez por isso ela se preocupe em ser tão aplicada. Fala vários idiomas, passou no concorridíssimo exame do Itamaraty, estudou História da Arte e agora trabalha num banco de investimentos, na área de Comércio Exterior. "Sou muito ligada ao meu pai, conheci muita gente através dele, mas quero ter minha vida e fazer meu trabalho longe disso".

Verônica já trabalhou na DPZ e na *Veja* e faz o clássico estilo "eu me fiz por mim mesma". Quando escrevia para a *Veja*, foi incumbida de entrevistar, em apenas dois dias, 18 pessoas pra lá de conhecidas "Não usei meu sobrenome com nenhum, só passei um fax assinado Verônica da *Veja*, e quase todos me responderam a tempo", conta. Em compensação, ela conheceu de pertinho um monte de gente que a maioria só viu na tevê. "Reconheço que estou num meio mais fácil de me relacionar com pessoas importantes, mas o máximo que isso rende é uma apresentação. O sucesso depende da qualidade do meu trabalho".

Mais famosa que o pai

Outra que brilha por conta própria e foge dos favores é a artista plástica e designer de jóias **Elisa Stecca**, 30 anos. A mais velha das quatro filhas do deputado federal Oswaldo Stecca (PMDB), dono da construtora Constecca, Elisa inverteu as regras de família. "Como sou mais conhecida por aparecer em colunas e revistas como designer, muitos perguntam para o meu pai se ele é meu parente", brinca. Ela não se sente nem um pouco "diferente" graças à filiação. "Nunca fui incomodada por isso, embora já tenham me olhado torto porque sou rica" O que é, segundo a moça, no mínimo curioso "Imaginava que ser rica era um atributo, quando você quer dasar a mãe pergunta "Ele é rico?", mas já fui tratada como se riqueza fosse um palavrão", conta.

Rebeldia não é com ela: encara pacificamente a vida em família, fez boca de urna para o pai na última eleição e até entrou na faculdade de Direito, um desejo dos seus genitores. "Passei no vestibular da São Francisco, abandonei no primeiro ano e fui cuidar da minha vida". Vida, por sinal, bem atribulada. Elisa casou, separou-se, casou de novo e trabalha um bocado. E ainda estuda dança, mitologia grega, técnicas de vidro e desenho.

Elisa, a primogênita do deputado federal Oswaldo Stecca, preferiu desenhar Jóias.

A obra mais perfeita de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, ou "Coffin Joe", como tem sido chamado por seus admiradores americanos. Atriz e modelo, Marilis Marins não tem medo de cara feia.

Ana Caixinha, a perdição da família

Poderoso talvez não seja a definição mais apropriada para ele, mas ser sua filha incomoda um bocado a opinião alheia. **Marilis Marins**, a filha do José Mojica, cansou de matar as dúvidas de meio mundo dito normal sobre a vida com aquele vampiro do pai dela. Convenhamos: é difícil para alguns compreenderem que descender do Zé do Caixão pode ser motivo de orgulho. "Na escola era um inferno, todo mundo me chamava de Ana Caixinha e perguntava das unhas do meu pai", diverte-se Marilis, 22 anos. Tal como a loirinha encantadora que era filha de Herman e Lily no seriado *Os Monstros* — lembram-se? Os pais diziam que ela era a perdição da família —, Marilis é bonita e ganha a vida como modelo. Mais motivos de piadas.

Com o tempo, a raiva se transformou em bom humor. Marilis, que também é escritora, desenvolveu métodos de aliviar sua tensão e acabar com a xeretice dos outros. "Passei a falar que comia sopa de asa de morcego, minhoca ao molho pardo, barata frita e dormia em caixões". Certa vez, na praia, acabou com a farra de uma garota insuportável, que tentou agredí-la. "Fui tão convincente quando disse que asa de morcego era nutritiva que ela acreditou. A turma que estava em volta se acabou de tanto rir". Ela curte tanto o trabalho do pai que até vai filmar com ele. "Mas não gosto que me apontem como filha dele, nem digo que o José Mojica é meu pai. Quando se é apresentado, ninguém fica falando sou filha de fulano de tal".

De bicicleta não pode

Para **Regina Ermírio de Moraes**, 20 anos, uma dos nove filhos do empresário Antônio, não é difícil lidar com essa fama coadjuvante. Só é irritante, às vezes. "Quando estava no colégio (*ela estudou no Rio Branco*), todo mundo me tratava normal. Mas na faculdade sempre aparecia alguém que eu nunca tinho visto antes para dizer que adora meu pai. Fico me perguntando como sabem quem eu sou", diz Regina. Amigas e paqueras à base do interesse choveram na sua horta, mas ela corta isso numa boa. "Nunca tive nenhuma neurose por ser filha do Antônio Ermírio". O pai, por sua vez, se preocupa um pouco mais. Quando soube que Regina ia à faculdade de bicicleta (ela estuda Rádio e TV na FIAM), resolveu proibí-la. Agora ela só vai de carro com motorista. "Mas não sinto vergonha, não. Acho que eu facilitava demais." De bem com a vida de rica, Regina adora sair, ir a lugares badalados. "Mas vou para ver os outros, não quero aparecer. Fico na minha".

Absolutamente tranqüilas, as duas filhas do técnico da seleção Carlos Alberto Parreira juram que não são agredidas na rua. "Ninguém me cobra por ser filha do técnico", garante **Vanessa Parreira**, 19 anos, estudante de Comunicações. A irmã **Danielle**, de 15, estudante do 2º colegial, endossa a opinião. "É super normal. Tem gente que nem repara no meu sobrenome". Dez anos atrás, quando Parreira foi técnico pela primeira vez, Vanessa sofreu um pouco. "O pessoal na escola me enchia muito, não sei se porque éramos crianças ou porque hoje ninguém mais dá bola". Nenhuma das duas irmãs tem qualquer *coté* esportivo, nem entendem de futebol. "Meu pai quase não fala no assunto", diz Vanessa. Mais falante, Danielle acha graça na reação de alguns diante do seu nome. "Muita gente tem curiosidade, quer saber como é a filha do técnico, mas não chega a me atrapalhar".

Vanessa e Daniela Parreira, filhas do mais criticado técnico da seleção brasileira. "Não sinto vergonha, não...". "Meu pai quase não fala de futebol...".

cyberpunk hanger

70's

grunge seattle

largado

hype

freak

low riDer

high tops

junkie

over size

playboy

FUCK THE FASHION!

YOU MUST HAVE VISION

VISION STREET WEAR

• SÃO PAULO – R. Bom Pastor, 1515 – tel. (011) 274-4188 • JUIZ DE FORA – R. Marechal Deodoro, 444 – lj.233 • GOIÂNIA – Av. T7 nº 260 – sala 13 • LONDRINA – R. Tupi, 223 – lj. 12 • JACAREÍ – R. Barão de Jacareí, 155 • FRANCHISING – (011) 274-4188

SANDÁLIAS
KENNER

EU VIVO COM UM PÉ NO SONHO.

COLORIDA
Tiras em nylon tubular.

CONFORTÁVEL
Palmilha de borracha extra-soft, moldável ao pé

RESISTENTE
Solado em borracha compacta

KENNER Soft Steps

RWIN
FAX: (021) 776-3442

FÉRIAS NO

O repórter especial da TRIP, Fernando Costa Netto, foi o único sul-americano a pisar em Sarajevo nos últimos quatro meses.
A destruída capital da Bósnia-Herzegóvina está cercada pelo exército da

ex-Iugoslávia, que não aceita a independência do país. Entre medo, fome e a mais completa sensação de insegurança, Fernando experimentou o gosto ácido da disputa cega pelo poder.

Texto e Fotos
Fernando Costa Netto

INFERNO

Título inspirado na série de reportagens de P.J.O'Rourke na Rolling Stone.

Um dia de trégua no verão de Sarajevo: sol e água fresca.

Além das tropas da ONU, apenas a imprensa pode entrar em Sarajevo. Para acomodar os jornalistas, o semi-destruído Hotel Holiday Inn ainda tem alguns quartos. Não há água ou energia elétrica. Do quarto, a vista parcial das montanhas de onde os projéteis sérvios partem em direção à cidade.

AS RUAS VOLTADAS PARA AS MONTANHAS ESTÃO ABANDONADAS. É SUICÍDIO CAMINHAR POR ELAS.

O QUE MAIS SE PENSA EM SARAJEVO É NO PRÓXIMO BOMBARDEIO.

FÉRIAS NO INFERNO

É verão em Sarajevo. Durante alguns momentos de agosto, seus cidadãos arriscam um banho no rio Mrijacka, que corta a cidade. Além de buscarem água na bica, como fazem todos os dias, estas pessoas sitiadas há mais de um ano procuram se descontrair. Esquecem que são mortalmente perseguidas por seus vizinhos sérvios e invadem a praia. É como passar férias no inferno.

O que mais se pensa em Sarajevo é no próximo bombardeio. A que horas ele virá. Você dorme e não sabe se vai acordar.

No meu quarto, no oitavo andar do Holiday Inn – o principal e único que funciona na cidade – não havia janela, energia ou água, como no resto da capital da Bósnia-Herzegóvina. Um plástico preso a uma esquadria de madeira tapava a janela. A parede abrigava buracos de tiros da artilharia sérvia provavelmente causados por um fuzil Kalashnikov AK-47, de fabricação russa, pertencente ao exército da ex-Iugoslávia, agora sob controle sérvio. O quarto vizinho, este sim fora castigado. Só se podia ver entulho amontoado e dois buracos assustadores atravessando tudo até o corredor. Passei cinco dias em Sarajevo, sem banho e comida, tudo cortesia dos sérvios.

TIRO-AO-ALVO NOS CIVIS

A qualquer momento pode recomeçar um ataque dos chetniks — como são conhecidos os soldados sérvios —, que fizeram um anel em torno da cidade no vale, sitiando a população. As balas vêm dos quatro cantos. À noite, do hotel, a impressão é a de que uma festa junina está acontecendo nas ruas. Os tiros quase não param. O barulho dos disparos alterna-se com períodos de silêncio cheios de expectativa.

Na rua não se caminha: todos andam rápido, com medo dos snipers, os franco-atiradores sérvios que estão nas montanhas, bem próximos. Com suas armas sofisticadas, eles conseguem precisão a um quilômetro de distância. Em Sarajevo, mais de 20 mil pessoas já foram mortas, as casas foram bombardeadas uma a uma em ataques diários. A cena é chocante e tensa, é como um verme num cadáver que já foi bonito. Mesmo assim as pessoas ainda são simpáticas e procuram mostrar por onde se deve ou não seguir, como se já achassem natural toda a destruição. As ruas voltadas para as montanhas estão abandonadas. É suicídio caminhar por elas.

O asfalto está castigado e poucos carros circulam além da frota das Forças de Proteção das Nações

Unidas (UNPROFOR) e do Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas (UNHCR).

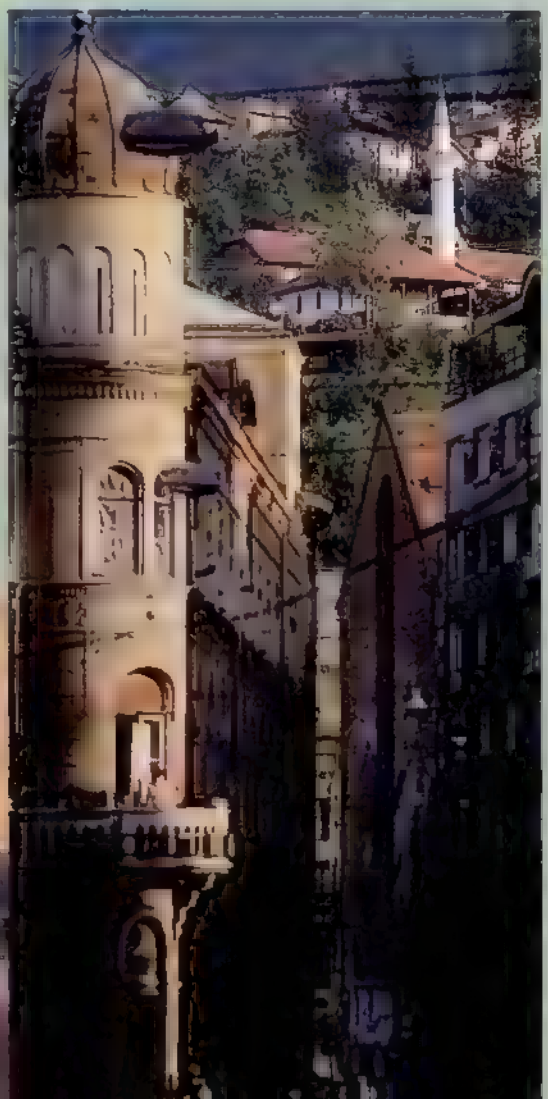
O combustível pode ser encontrado apenas no mercado negro, por US$ 8 o litro. Antes da guerra custava US$ 0,70 nos postos. A moeda vigente é o cigarro. Um maço de Marlboro, por exemplo, vale US$ 10. É *cash*. Um quilo de café, US$ 70 e não há onde comprar. O comércio não existe. À noite, a única luz na cidade é a do bar Blue Point. Reaberto há pouco mais de uma semana parece desafiar um ataque surpresa. Serve apenas Coca-Cola, chá e café. Fecha às 22 horas, com o toque de recolher que vai até as 6 da manhã. O dinheiro inventado para Sarajevo, depois do início da guerra, o bonovi — antes disso era o dinar — só é aceito para comprar pão (há mais de 45 dias longe da mesa da população, porque não há energia para prepará-lo) e jornal, que ainda imprime alguns exemplares em duas páginas duplas. Para matar a fome, a população comeu os pombos. A situação é inimaginável.

De meados de agosto até o fechamento desta edição o que se pôde ver é que os sérvios diminuíram a ofensiva contra os civis. Talvez estejam poupando munição enquanto as conversas de paz acontecem em Genebra e Bruxelas. Ou simplesmente estejam esperando o tempo passar. Em dois meses vai estar frio. No inverno, a temperatura na Bósnia Herzegóvina chega a 30 graus negativos. A previsão é a de que um número enorme de pessoas, principalmente velhos e crianças, morra com o frio que vai entrar pelas janelas quebradas das casas sem calefação, comida e água. Para piorar, os franco-atiradores não permitem que se busque lenha nas montanhas.

A UNPROFOR, UNHCR, a turma dos observadores militares da ONU e outros representantes militares reúnem a imprensa todas as manhãs na PTT, antiga sede dos correios de Sarajevo. Falam que a paz está sendo discutida. Fazem boletins sobre os conflitos no país. Estudam em campo o maior massacre contra um povo da Europa depois da Segunda Guerra.

Um blindado da ONU patrulhando as ruas não garante o sossego dos habitantes de Sarajevo.

"O QUE ACONTECE NO MEU PAÍS E UMA VERGONHA PARA O MUNDO."



Os monumentos muçulmanos são os alvos preferidos da artilharia sérvia.

Até rezar é perigoso. Na porta da mesquita (abaixo), as marcas deixadas pelas balas de grosso calibre.

Á NOITE, DO HOTEL A IMPRESSÃO É A DE QUE UMA FESTA JUNINA ESTÁ ACONTECENDO NAS RUAS.

VERGONHA PARA A HUMANIDADE

"Pelo menos em Auschwitz havia gás", disse em sua casa na rua Marshala Tita, centro de Sarajevo, Sakir Dzirlo, 45, engenheiro elétrico, pai de quatro filhos. "Não tenho como alimentá-los, nosso maior problema é a falta de comida".

Se durante o cerco a Leningrado na Segunda Guerra Mundial, os russos se serviram dos ratos de esgoto para sobreviverem, em Sarajevo os cachorros, gatos e pombos já foram dizimados pela população faminta, e o pior: sob a vista grossa da ONU.

A esperança a curto prazo é a intervenção militar. Todos sabem disso em Sarajevo. Desocupar o monte Igman, que cerca a cidade, não quer dizer que a população esteja salva. Salvar a vida da menina irmã-gêmea, que toda a imprensa deu com grande destaque, é hipocrisia da ONU. Os bósnios de Sarajevo vão continuar sitiados, sendo atacados por outras frentes das montanhas, sem ajuda para abandonar a cidade e se quisessem é outra fantasia de criança. Vão continuar morrendo nas ruas.

O estado de demência servia coloca a população numa situação de holocausto. Se a guerra terminasse hoje, a Bósnia teria 70% do seu território sob domínio sérvio.

Dzirlo diz que se os americanos atacassem as montanhas por dentro de cria com seus dois filhos pegar os sérvios. "Há menos de uma década para o final do século. Continuar o que acontece no meu país é uma vergonha para o mundo".

RUMO AO FRONT

Eu estava de novo em movimento. Minha última era esta há quase um mês, desde que saí do Brasil, e agora sobrevoava o território da Bósnia-Herzegovina depois de cinco dias em Sarajevo. Logo nos primeiros minutos de vôo os dois soldados da ONU que nos acompanhavam nos instruíram para colocarmos o colete à prova de balas. Estávamos sobre território em conflito e há alguns meses havia um derrubado um avião italiano de ajuda humanitária. Todos morreram. O colete nos garantia contra os tiros que graças a Deus não aconteceram. Os soldados, um de cada lado do avião, observavam pela janelinha o movimento em terra. Numa das mãos seguravam um dispositivo improvisado que se jogado lá de cima desviava a trajetória dos mísseis terra-ar inimigos guiados por infravermelho.

Depois de cinco dias na capital da Bósnia-Herzegovina, eu estava cansado. Impotente em relação ao bem-estar das 300 mil pessoas que vivem sob a expectativa dos bombardeios e tiveram suas vidas arruinadas pela guerra que já dura quase dois anos. A história triste e covarde de um povo massacrado.

A CAMINHO DO INFERNO

Não foi fácil abandonar o Oeste. Deixo pra trás a companhia da adorável belga Catherine, a exuberante capital francesa e a festa nas ruas e parques de Amsterdã. Da capital holandesa, com um passe de trem da CIT (Companhia Italiana de Turismo), foram 30 horas cortando a Bélgica, um pedaço da França, Alemanha, Suíça, Áustria e Eslovênia até a agradável Zagreb, capital da Croácia.

O mapa de indicação com as conexões do trem mostravam uma parada numa pequena cidade austríaca, mas quando acordei meu trem havia partido há menos de um minuto. Podia vê-lo seguindo. Um teste de paciência que durou quase 4 horas extras de viagem. Levei dois dias para me credenciar junto à ONU em Zagreb, e a próxima etapa era um vôo para Split na costa. De lá embarcaria num dos aviões de ajuda humanitária até Sarajevo.

No aeroporto de Split um oficial francês, responsável pelo controle de embarque, tirou da gaveta um papel [illegible] "Não [illegible] daqui a duas semanas. Todos estão lotados e nossas prioridades são alimentos, tropas. Depois, os jornalistas. De Ancona, na Itália, talvez você consiga embarque imediato".

Foram doze horas numa cabine de navio em direção à Itália, uma noite num hotel a alguns quilômetros do Aeroporto de Falconara e na manhã seguinte, ganhava espaço num avião de tripulação inglesa.

Depois de uma semana em trens e muitas frequentadas pensões e bases militares, voando e navegando pelo Adriático, me mandei desesperado pensando em Sarajevo. Na mala, um colete Taurus à prova de balas — 7 quilos — contra qualquer surpresa, uma [illegible] da ONU para embarcar para Sarajevo — alguma comida, duas camisetas e o equipamento fotográfico. O barulho era infernal dentro daquela lata camuflada — agora sobrevoava as águas calmas do Adriático, fazendo por ar o caminho inverso de dois dias anteriores. As doze horas navegando transformaram-se em 55 minutos de avião. E a viagem até o mítico aeroporto de Sarajevo foi tranquila. Minha passagem pelo ponto de maior disputa entre milícias — sérvias e muçulmanas — agora sob controle das tropas da ONU — rendeu apenas uma conversa sobre futebol e guerra com um oficial argentino além de uma mijada no banheiro imundo.

É preciso muito cuidado quando se anda pelas ruas.

"PELO MENOS EM AUSCHWITZ HAVIA GÁS".

Meli, 16 anos, e uma amiguinha esquecem as metralhadoras e posam no centro velho de Sarajevo.

Laio de Almeida

No alto, os adolescentes trocam o skate pela AK-47 e morrem cedo. No detalhe à direita, privados da cidadania, os refugiados na ex-Iugoslávia não tiveram outra escolha além de vagar com as roupas do corpo até um abrigo provisório.

A HUMANIDADE ENCLAUSURADA

É uma luta desigual, onde os mais fracos não são sérvios, croatas ou muçulmanos. As verdadeiras vítimas dessa guerra são milhares de crianças, mulheres e idosos que perderam seus lares, suas vidas e, o mais importante, a dignidade humana.

Os sobreviventes dessa tragédia são levados aos campos de refugiados. Todos os dias milhares de pessoas são arrancadas de suas terras, famílias e cidades. Tentam sobreviver esperando que um dia possam reconstruir tudo aquilo que a guerra destruiu.

Existem 600 mil pessoas espalhadas pelos campos de refugiados em toda ex-Iugoslávia, quase 15% da população total, estimada em 4,5 milhões. Um dos campos mais importantes é o de Posusje, localizado na fronteira entre os territórios da BH e Croácia, numa antiga escola da cidade. Um tapete humano, quase inerte, ocupa toda a superfície disponível. Fica difícil distinguir crianças de idosos. São pessoas que já tiveram uma vida normal e que hoje se encontram na situação de não possuírem mais nada daquele passado nem tão remoto.

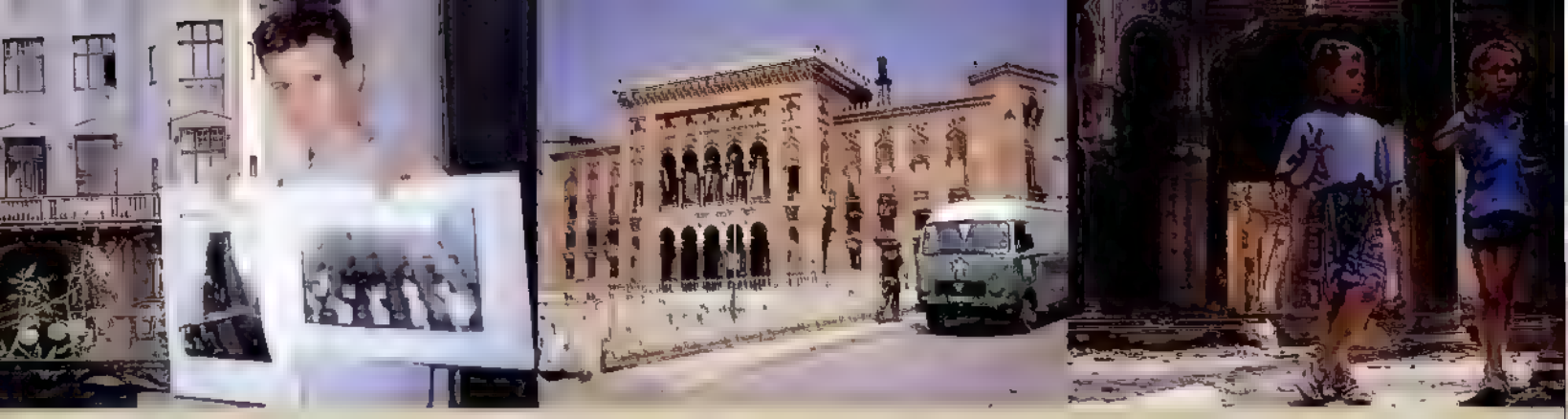
Em Karlovac, cidade localizada no front norte da guerra, fica um importante campo de refugiados da ONU. Para lá se dirigem homens e mulheres que, depois de sofrerem torturas e violência nos campos de concentração sérvios, são socorridos e acolhidos pelas organizações internacionais.

Esta guerra não é um conflito entre soldados, mas entre pessoas comuns que viviam juntas e que hoje estão se matando umas às outras. É difícil imaginar que, quando a paz voltar, elas consigam ser vizinhas. A única esperança é que a razão volte à consciência das pessoas.

**Laio de Almeida, 23 anos, esteve por duas vezes percorrendo campos de refugiados no interior da Bósnia Herzegóvina acompanhando trabalhos da Cruz Vermelha.*

Batalhando pela água e pela vida.

Qualquer combustível é raro. Os sitiados destróem os móveis para alimentar o fogo.



Mahir Dzirlo e as fotos do dia do bombardeio da biblioteca de Sarajevo. Mais de mil livros sobre a história da Bósnia-Herzegóvina foram destruídos.

O envio de um profissional à região de conflito na ex-Iugoslávia, só se tornou possível graças à união de esforços de pessoas e empresas que entendem a importância desse trabalho. A reportagem da TRIP contou com o apoio de:

GUERRA DE NOTÍCIAS

"Press card, please. Brasileño? Yo soy argentino", disse surpreso o reponsável da ONU no aeroporto de Sarajevo. "Mira, usted es el primero sud-americano en Sarajevo en los ultimos 3 meses que estoy acá. La cosa está fea, tome mucho cuidado, mi paisano".

Um brasileiro em Sarajevo causou estranheza em muita gente. Onde estão nossos repórteres? Pode-se contar em uma mão o número de jornalistas brasileiros que estiveram cobrindo a guerra na Bósnia.

No Brasil trabalha se com agências internacionais, teleescutas, empurram-se informações massificadas aos leitores. A mesma foto é publicada em mais de um veículo, as mesmas bobagens são ditas e escritas diariamente - e não conferem com a realidade das ruas de Sarajevo. Fizeram um carnaval com a história da pequena Irma, a menina que foi levada para um hospital na Inglaterra. O Cid Moreira lacrimejou em frente às câmeras. A cobertura brasileira sobre a Bósnia é uma vergonha. Os jornais chegam a dizer que Sarajevo está liberada. E as pessoas acreditam. Centenas de outras Irmas agonizam em toda a Bósnia. Sarajevo continua sitiada.

Por outro lado, o investimento da mídia americana e européia em Sarajevo é um espetáculo. Existem carros blindados da CNN, do *El País* ou do *New York Times*, as redações são improvisadas nos quartos do Holiday Inn e, através de satélites, estão em contato permanente com suas redações. Enquanto isso, Pablo Cesar Farias foi o nome falso usado por PC para fugir via Paraguai. Um desgraçado, há 60 dias campeão de manchetes em todo o País A la chingada Brasil Acordem cabrones!

PARA ENTENDER A BRIGA

A antiga Iugoslávia comunista, que era formada por seis povos com histórias, idiomas e culturas diferentes, dividiu-se em cinco nações independentes: Eslovênia, Croácia, Macedônia, Bósnia-Herzegóvina e a Nova República Federal da Iugoslávia (que reúne Sérvia, Montenegro, Voivódina e Kossovo).

A guerra civil na Bósnia-Herzegóvina começou em abril de 1992. Foi desencadeada pela comunidade sérvia local, que se recusa a aceitar a independência do país e luta para mantê-lo sob o poder de Belgrado. Armados em milícias e apoiados pelo exército Iugoslavo, os sérvios estão sitiando a capital Sarajevo há cerca de 18 meses.

Phone (011) 829.1501

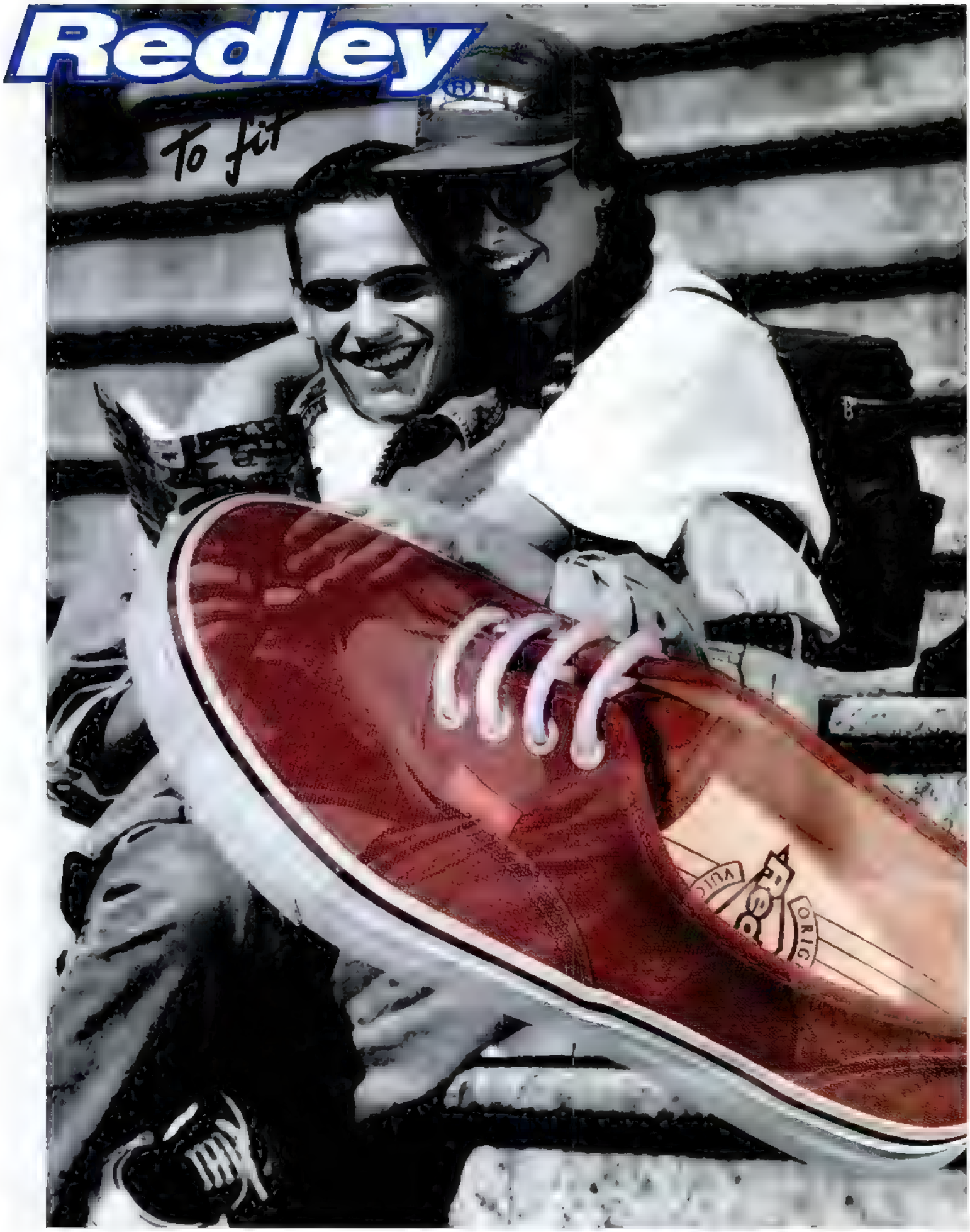
GABRIEL O PENSADOR

EM CD • K7 • LP

Sony Music

TOCA NA

T Ê N I S



IRWIN FAX: (021) 776-3442

tattoo

TIRANDO A CASCA

aimar grossat / fsp / siglo

Fazer uma tatuagem é como casar com uma pessoa. Tudo vai bem enquanto ela não incomoda. Mas quando o amor termina, a separação é dolorosa. Na carne e no bolso.

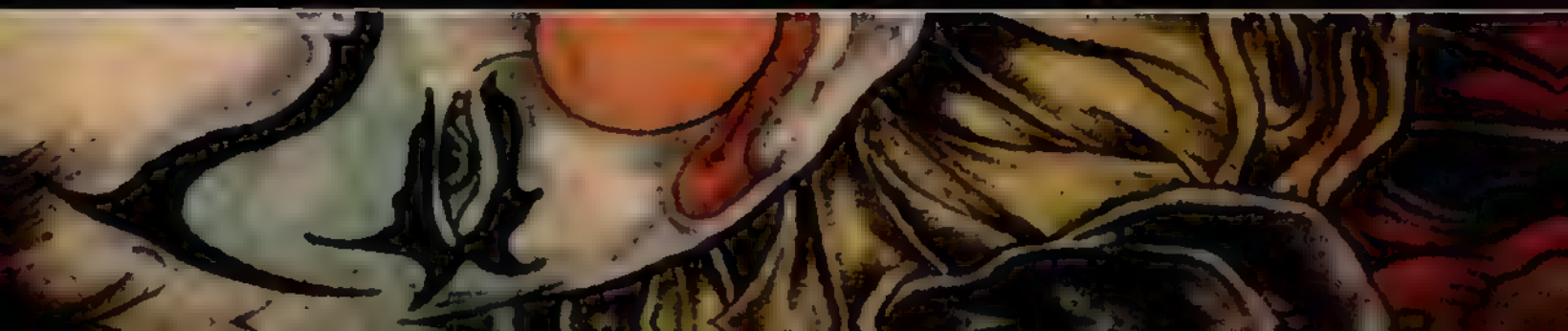
simon grosset / fsp / sigla

DO LARANJA

texto alessandro gianinni

ch. vioujard gamma / sigla

As técnicas de remoção usando raios laser são a mais nova esperança dos tatuados arrependidos. Quanto mais profissional o tatuador, mais bonito fica o desenho e mais difícil a remoção. Os pigmentos ocupam uma camada mais uniforme e profunda da derme, difícil de ser alcançada.



Remover tatuagens é um assunto tão complexo que o mais detalhado estudo sobre o assunto, um livro publicado na Suíça pela multinacional de produtos farmacêuticos Roche, dedica um capítulo inteiro — ou um terço de seu conteúdo — às técnicas existentes. De autoria do dermatologista Maurice Adatto, *Living Skin* detalha ainda as origens da técnica e as conseqüências dermatológicas de uma tatuagem.

Tatuagem é uma palavra que teve sua origem no Taiti. O registro mais antigo é o diário do Capitão Cook, em julho de 1769. Segundo escreveu, "tattow" era como os nativos locais chamavam os desenhos que ostentavam na pele. Na língua deles, a palavra significava "desenhar na pele". "Homens e mulheres pintam seus corpos com tattow. Isso é feito injetando-se a cor preta sob a pele, de maneira que fique indelével. Alguns têm figuras doentias de homens-pássaros e cães. Todos exibem os desenhos com grande prazer".

A função de mostrar que os portadores das tatuagens fazem parte de uma tribo permaneceu, ainda que de forma um pouco diferente. As tatuagens podem indicar que uma pessoa saiu da prisão, faz parte de uma gangue ou simplesmente se identifica com determinada imagem. No Japão, por exemplo, ainda hoje certas tatuagens delatam a ligação de quem as carrega com a Yakuza, a máfia local.

As técnicas é que mudaram, na medida em que a tecnologia avançou. Hoje, os contornos dos desenhos são cada vez mais perfeitos e as cores mais vivas e variadas. Essa é uma das razões pelas quais a remoção dessas marcas está cada vez mais difícil e cara.

fotos ch. vicuiera/ gamma / aigle

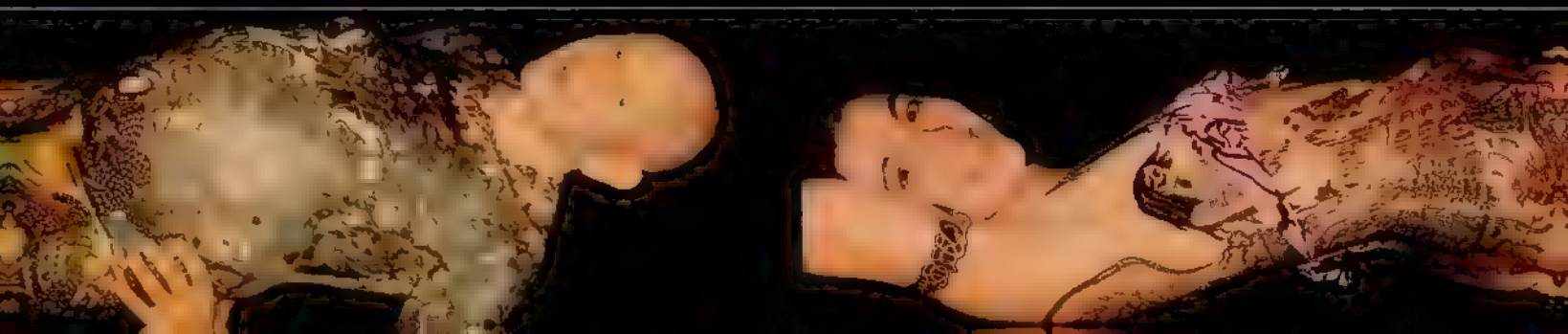
Com uma mão o cirurgião aplica o raio laser sobre os pontos de tinta e com a outra, refrigera a área trabalhada.

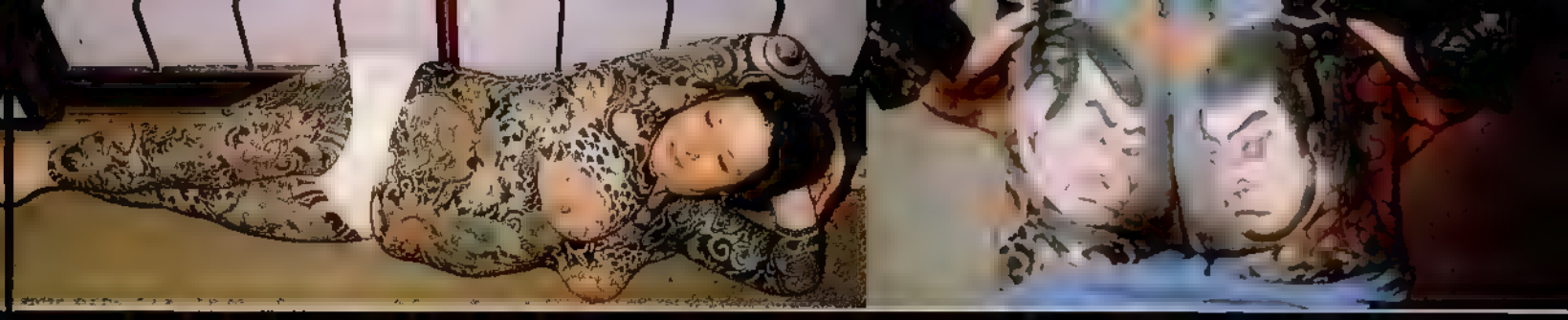
Logo após a aplicação, os pontos atingidos pelo laser são facilmente identificados.

Segundo o cirurgião plástico Sérgio Toledo, a técnica mais avançada de remoção de tatuagem é através de laser. "O laser não deixa a pele cem por cento como era antes, o processo ainda deixa algumas manchas. Mas é muito melhor do que os processos que existiam", diz.

Um laser para cada cor

São três os tipos de laser utilizados nesse processo: o candela,





fotos maneras: liaison/gama - sigla fotojornalismo

o KTP/YAG e o *Q-switched ruby laser*. Cada um deles é mais eficiente em alguns tipos de cores. No Brasil, somente o hospital Albert Einstein tem um aparelho desses que custa em torno de US$ 250 mil. Somente a manutenção custa dois mil dólares por mês. É um aparelho que custa muito para a nossa realidade", diz Toledo.

"Todos funcionam da mesma forma: explodem os pigmentos de tinta, eliminando o desenho sem prejudicar o tecido. "Dependendo da competência do tatuador, a remoção pode ser mais difícil", diz o cirurgião plástico. Quanto mais profissional o tatuador, não só o desenho fica mais bonito como também a distribuição dos pigmentos ocupa uma camada mais uniforme da derme". Assim, fica mais difícil eliminar o desenho, porque os pigmentos estarão na camada mais profunda e difícil de ser alcançada".

A remoção

Mas é a única maneira de evitar uma cicatriz grande e feia, que é o resultado das outras técnicas de remoção. Os métodos mais conhecidos são o *peelling*, em que uma substância química é usada para dissolver os pigmentos; a dermoabrasão, em que a pele é lixada mecanicamente aos poucos, e através de uma cirurgia em que a pele desenhada é expandida até o ponto em que a tatuagem pode ser cortada e as extremidades unidas. "Nenhuma dessas técnicas é eficiente", aponta Toledo.

bia guedes

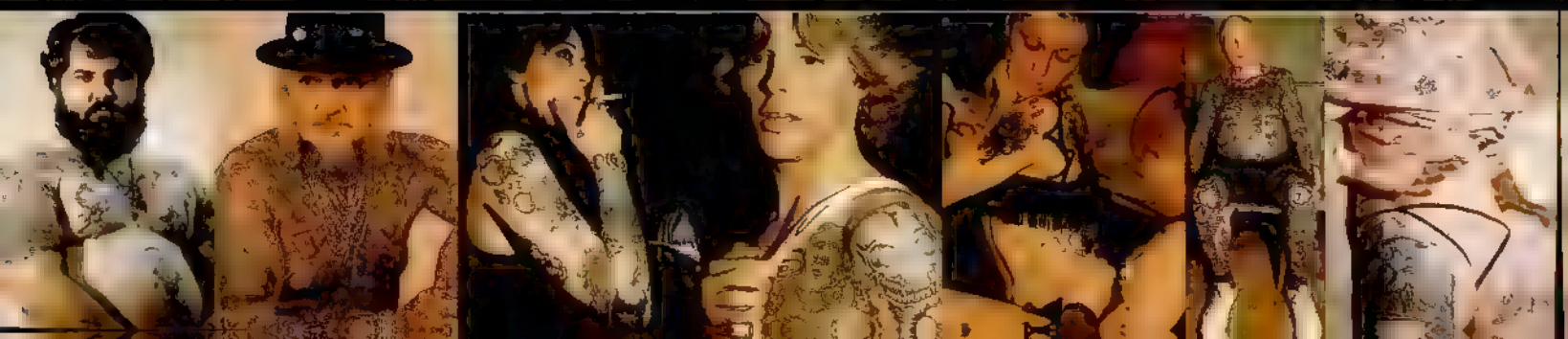
Renata Duarte se arrependeu da pantera cor de rosa tatuada no tornozelo. Cobri-la com uma arara não resolveu. A solução foi apelar para o laser.

ARARA EM CIMA DE PANTERA

Renata Duarte, de 22 anos, não recorreu a elas. Até porque tem condições de se submeter ao laser do Albert Einstein. Portadora de uma arara e uma pantera cor-de-rosa — que fez "porque deu a louca" quando tinha 15 anos — Renata se viu obrigada a abandoná-las. "Acho que de tanto me encherem o saco, e porque elas apareciam cada vez que eu me vestia para sair, acabei me cansando", diz.

Prestes a se casar, Renata tem se submetido a um longo processo de aplicações de laser. "O médico que está me atendendo, o dr. Simão Cohen, disse que vai levar pelo menos umas dez sessões para terminar". Cada sessão é feita em um intervalo de um mês, para que a pele irritada volte ao normal. "Até onde eu cheguei dá para ver que a pele fica bem inteira. Só um pouco mais clara que o resto", conta Renata.

Qual a melhor maneira de evitar a dor ou a marca? "O melhor é os tatuadores só trabalharem para maiores de 18 anos, que saibam exatamente o que pretendem. Caso contrário, a marca vai ficar ou vai ser lembrada quando for removida", assegura o dr. Toledo.



SANDÁLIAS
KENNER
A GENTE
ANDA QUERENDO
QUE DÊ CERTO.
COLORIDA
Tiras em nylon tubular.
CONFORTÁVEL
Palmilha de borracha extra-soft, moldável ao pé.
RESISTENTE
Solado em borracha compacta
KENNER
Sapatos
IRWIN
FAX: (021) 776-3442

Q S D

DESIGN LHSC/ECMC

FOTO: TONY FLEURY

© 1993 QUIKSILVER BRASIL

Tel: (011) 5789560

Cyberpun

Vagabundos x ciber

A Nasa, o Pentágono, os bancos de dados das empresas, as caixas 24 horas — nada está seguro. Eles tremem diante de jovens aparentemente inofensivos que, armados com computadores comuns, de suas casas invadem e destróem os sistemas de informacões sigilosas das instituições que detêm o poder.

Por Jô Elias
Ilustração MZK/Estação Manda

ks: nética

Anos 60: os rebeldes da contracultura queriam mudar o mundo e negavam o establishment com palavras de ordem, faziam festivais com canções de protesto, as feministas queimavam sutiãs em praça pública, os youngsters tomavam LSD e eram filmados para Woodstock. Uma subversão visível, que foi deglutida pelo establishment.

Anos 80/90: os novos rebeldes não se reúnem em praças, não gritam contra guerras, nem ficam nus diante de velhinhas assustadas. Pior — eles fazem subersão através de um mundo paralelo, o "cyberspace". Que só existe para aqueles que dominam os compudadores conectados por modems à uma imensa rede que tornou realidade o sonho de Marshall McLuhan: a aldeia global. São os "cyberpunks".

O nome surgiu de um movimento literário. William Gibson descreveu um cenário caótico em seu *Neuromancer*, em que aparece pela primeira vez a palavra cyberspace. Case, o protagonista, é uma espécie de caubói cibernético que consegue trafegar pelas estradas de bytes através de plugues que ligam seu cérebro a um sistema digital. É a realidade virtual levada às últimas conseqüências — o livro foi escrito em 1982, quando a RV estava sendo pesquisada em laboratórios. Case entrava em sistemas alheios e roubava informações, vendidas a grupos marginais. Cometeu um grande erro, roubando o próprio patrão. E teve seu sistema nervoso detonado por uma substância tóxica russa.

São a elite entre os criadores de softwares e pesquisadores de hardware. Podem prestar serviço para grandes corporações — a linha politicamente correta, mais ligada ao MIT (Massachussets Institute of Technology) — ou simplesmente usar seus conhecimentos para criar softwares alternativos, vírus ou games muito loucos. Os que conseguem entrar em sistemas complexos e espiar informações privadas, copiando-as para uso próprio ou para vender a terceiros, são chamados no jargão cyber de "hackers", abridores de lata. Só se identificam com codinomes e gostam de deixar sua marca em seus feitos — como fazem os pichadores que grafitam o topo de imensos prédios. Podem até desviar dinheiro, como fez um americano, que se gaba de ter retirado os centavos de cada conta do Citybank até conseguir a soma de US$ 200 mil. Já houve casos de prisão e inúmeros computadores foram apreendidos por causa destas ações ilegais. Dizem que agentes federais de diversos países — inclusive Brasil — estão queimando as pestanas para evitar estes ataques.

"A vida no cyberspace é mais igualitária do que elitista, mais descentralizadora do que hierárquica e serve a indivíduos e comunidades, não à massa"

Trecho da última edição da Wired.

Woodstock cyberpunk

No início de agosto, aconteceu o primeiro Woodstock cyberpunk, na Holanda. O Hacking at the End of Universe reuniu centenas de adeptos em barracas, como na época dos bichos-grilos. Lá dentro, em vez de poncho, conga e flauta peruana, os hackers tinham objetos high-tech e estavam conectados com o mundo através de notebooks. No Japão, eles são chamados de "otakus" (uma maneira informal de se falar você). Como lá o acesso às informações é muito grande, muitas vezes o que conta para um otaku se tornar the best é um detalhe de um programa sigiloso, uma pequena fonte de invasão.

Mas, na verdade, o que faz um cyberpunk é o espírito e não o hardware. É pegar o que o establishment produz em tecnologia de ponta, aquilo em que grandes empresas e nações investem bilhões de dólares, e usá-la em serviço próprio, para subversão. Ao contrário dos hippies e yippies (os politizados do Young International Party da década de 60), que negavam o que era produzido pelo sistemão, os novos rebeldes não só absorvem como conseguem dominá-los mais rapidamente.

Redes imensas de comunicação andam trocando informações sobre tudo o que se possa imaginar e sem o menor controle político e econômico. Através dos BBSs (*bulletin board systems*, uma espécie de quadro de avisos eletrônico), trocam-se mensagens com qualquer pessoa equipada em qualquer ponto do planeta. Livros e fanzines eletrônicos são publicados e transmitidos em minutos. Acabou a dependência financeira das editoras e do fornecimento de papel.

Não é à toa que a cena cyberpunk mais forte está na Califórnia — onde nasceu o movimento e onde fica o Vale do Silício, que concentra o maior número de fabricantes

de hardware e software dos EUA. É lá que é editada a bíblia dessa tribo, a revista *Mondo 2000*. A *M2* apresenta visual de impacto e aborda temas comuns de forma que não se vê em outras revistas. Além de, claro, resenhar softwares e games, publicar artigos sobre interatividade, CD-ROMs, os avanços da realidade virtual, smart drugs — muitas vezes remédios geriátricos que estimulam o raciocínio para torná-lo ainda mais apto a interagir com os sistemas lógicos —, future sex, música eletrônica.

U.R. Sirius

Para sacar o espírito da redação, veja no editorial o nome do editor-chefe: U.R. Sirius (um trocadilho com "você é sério"). Timothy Leary, o guru do LSD nos anos 60 e atual pesquisador de como os sistemas digitais "podem abrir a cabeça e ampliar os horizontes" dos usuários, é um dos colaboradores. Outra revista que esta moçada lê quando desgruda os olhos das telas Super VGA ou de seus Macs é a *Wired*, editada em San Francisco. *Wired* tem um estilo que lembra a *I-D* inglesa que, aliás, também tem publicado boas matérias sobre tecnologia sob o ponto de vista underground. Todas estas revistas mantêm correios eletrônicos *(e-mails)* para correspondência com os leitores.

Entrar em um mundo onde não há barreiras é o que seduz estes cyberativistas. Lá o perigo é calculado e o limite físico não existe.

Ao contrário das drogas alucinógenas dos anos 60 — que poderiam resultar em uma good ou bad trip —, uma viagem na realidade virtual só proporciona ao usuário aquilo que ele quiser: o que estiver escrito no software.

Muita gente tem medo da tecnologia e receio de que estes hackers comecem a invadir seus computadores, roubar suas senhas, seu dinheiro e saber seus segredos. "Qualquer tecnologia suficientemente avançada não é diferente da magia", disse Arthur C. Clarke. Estamos diante dos magos da nova era. Mostre uma edição de *Mondo 2000* para o seu vizinho que tem um adesivo "Eu acredito em duende" no carro e veja o que acontece.

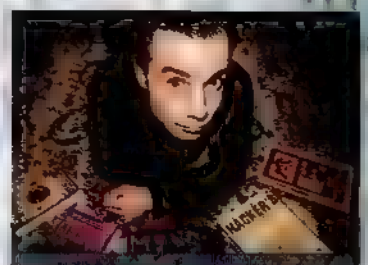
Eles vão invadir o seu sistema...

Disque Pirata

Nem telefone escapa

No Vale do Silício, a [illegible] crime pesado [illegible] de computadores quebrar códigos, fazer espionagem [illegible] modem. E hacker [illegible] no underground digital. O último [illegible] de free [illegible] tecnológicas [illegible] celular [illegible] encontrado [illegible] nas mesas [illegible] maiúsculas [illegible] Bagels, Resumes e Mostardas.

Mas diversão [illegible] subverter [illegible] máquina [illegible] digitais de dados [illegible] Coisa funciona [illegible] Os hackers descobriram que telefone [illegible] nada [illegible] computadores [illegible] computador reprogramável. O [illegible] mistério [illegible] descobrir [illegible] linguagem [illegible] reescrever os códigos com seus próprios comandos [illegible] vontades. Depois [illegible] diversão: ligações gratuitas [illegible] cartões de crédito [illegible] mais ilegal [illegible] movimentos dos maníacos [illegible] telefone [illegible] pela cidade. Sem [illegible] Felipe Cama



Como sair do Paleolítico e entrar no mundo 2000

Revistas

Mondo 2000
PO Box 10171 Berkeley California
94709-0171
E-mail: [illegible]@compuserve.com

Wired
544 2nd Street San Francisco California
94107
fax: 400 [illegible] 90[illegible]0669
[illegible] assinaturas: (sinal)
wired.com
E-mail para entrar em contato com [illegible] editor (sinal) [illegible]

2600 sobre hacking
[illegible] 2608

Livros:

Neuromancer, de William Gibson

Piratas de Dados, de Bruce Sterling

Cyberpunk: Outlaw and Hackers on the Computer Frontier, de Katie Hafner e John Markoff

FOTO MARCOS LOPES

cristiane

A gata mais quente de

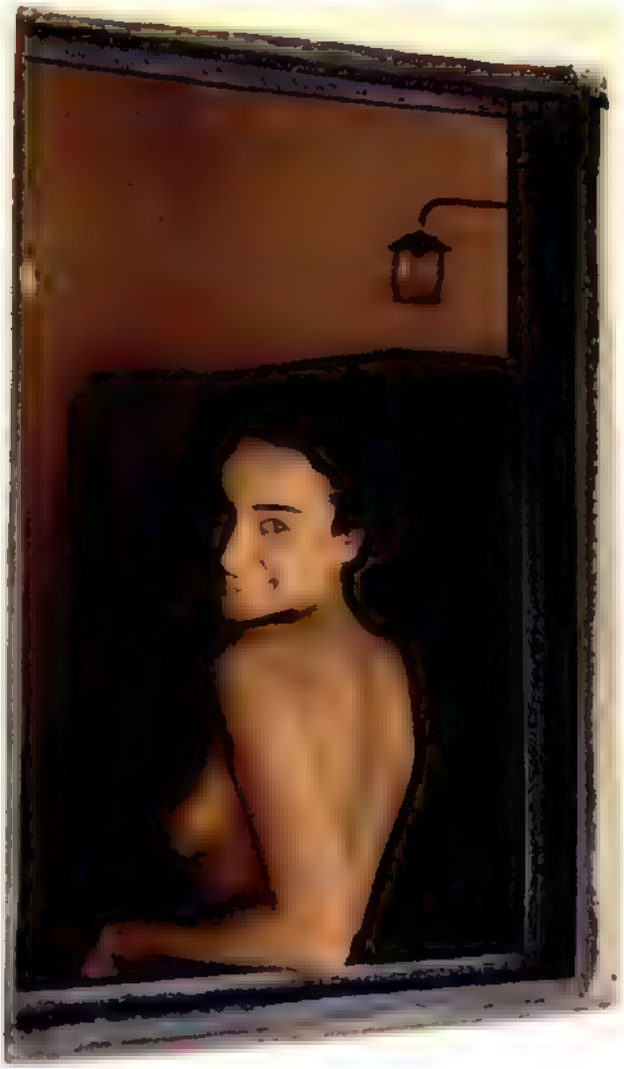


foto fundo morgada

Muita coisa mudou no mais interessante playground da moçada de São Paulo. Mesmo crowdeada por legiões de playboys, mansões de novos ricos e até placas anunciando marcas de cigarros, a praia de Maresias insiste em resistir com sua beleza à todo tipo de invasão. A tropa de resistência é formada por fileiras das mais incríveis gatas que esse país já produziu. Na frente, comandando as ações, CRISTIANE GODOY, a gata mais perfeita da praia.

fotos André Andrade
produção Mônica Mendes

Maresias

Ela foi descoberta muito antes, mas foi nos anos 70 que a praia de Maresias viveu seu auge. Ainda uma mocinha, recém-apresentada à sociedade, revelava seus encantos e mistérios para poucos. Na maioria surfistas de São Paulo mais endin heirados, mas que se recusavam a resumir suas vidas ao já então agitado centrinho do Guarujá. João Paulo, Alo e Aluízio, Fanta, Beto Takaoka, Roberto "Roberval" Whitaker, Paulinho Vainer, Renato Elkis, João Helou, Ucho, Bitê, Tapi, Quincas, Dandão, Robi, Piazza, Califa, são alguns dos nomes que me lembro da época da colonização do pico. Claro que surfistas mais antigos como Sidão, Zé Maria Whitaker, Adê e Thyola pegaram suas ondas antes por lá. Mas não foram eles os colonizadores, os caras que foram descolando casinhas primeiro em São Sebastião, depois em Boiçucanga, Camburi, e por fim nas próprias ruazinhas de areia de Maresias. O Hawaii era alí

Os anos 80 ainda foram iluminados e com eles apareceu um novo time de surfistas cansados da muvuca. No meio da década, o condomínio 2000 foi descoberto por dissidentes ubatubanos como Tony Kaluama e Feio, que trouxeram para o paraíso uma segunda geração de colonizadores. Alois, hoje morando no Hawaii, Cláudio idem, Jun na Austrália, Roni Bam Bam e outros que entre outras coisas descobriram e lançaram o fenômeno de marketing praiano chamado Shaolin, mixto de bar, quermesse e boate. Bepo, Luciano, Serginho Guloseima, Alfredo e Edu Bahia, Pudi, Edu Faria, Augusto, Luciano, Arambasic, Alemão, Fê, Pereira, Roberto Wagner, Dôdo, Taiu e até você, cujo nome me escapou, seja da 1ª ou da 2ª geração de colonizadores, mas que comeu um sanduíche da Kombi do

George e dropou uma de seis pés reais havaianos no seco, sabe que a jovem Maresias debutou nos 70, amadureceu e deu muito prazer nos 80 e continua bela apesar de um pouco vulgar e oferecida nos 90

Hoje, o paraíso tem que abrir espaço para as tristes pick-ups da idiotia com adesivos Bad Boy e Pakalolo, e para outros tipos de peruas com seus cotton-lycras cítricos correndo pelo asfalto, mountain-bikes brotando de todos os lados, passando entre mansões de concreto aparente, antenas parabólicas, lojas, hotéis, restaurantes e até mesmo um back-light disfarçado de relógio e termômetro gritando Hollywood no meio do quadro.

Mas Maresias tem se mostrado a Vera Fischer das praias paulistanas. Dá um jeito de arrumar uma beleza diferente, à medida que envelhece. Não esconde as marcas do tempo. Não precisa. Ainda lhe sobram as montanhas cobertas de verde-escuro e o mar mais azul que o do vizinho. A fonte de prazer ainda está longe de secar e será necessário muitos posseiros, loteamentos arquitetos bregas e políticos idiotas para fazê-lo

Claro, alguns dos desbravadores dos 70 já fizeram suas malas há tempos, buscando outras paradas para colonizar. Mas há os que ficaram, criando raízes, atraídos por esse manancial farto de sensações e, principalmente, pelas mais belas gatas de São Paulo que já há alguns anos escolheram aquela faixa especial de areia como passarela. Cristiane tem só 20 anos, viu pouco de tudo isso, pegou a história no epílogo. Conheceu a Vera Fischer das praias já como Jocasta, mas sem saber, reina absoluta fazendo muito pioneiro não arredar o pé dali, preso pelo coração.

Paulo Lima

Assistentes de produção: Nathalie Böhm e Michel Bögli
Beauty: Marcos Costa (First/Walla)
Roupas: Town & Country
Agradecimentos: Pousada das Praias (Camburi),
Paulo Vainer, Edinho e Didi da Oficina de Didi (Barra de Una)

O ESTADO DE S. PAULO

Julio Mesquita (1891-19..) — Julio [illegible] — Francisco Mesquita (1927-1969)

JULIO DE MESQUITA NETO
Diretor
Responsável

Equipe FHC ameaça se demitir

A Secretaria da Receita Federal vai revelar os nomes dos cem maiores sonegadores do empresariado no País. Além disso, pretende criar um serviço de inteligência para identificar outros

O secretário-executivo da Receita, Edmar da Silva, assessor especial do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, afirmou ontem que a equipe econômica desconfia o governo se não conseguir cumprir os cortes definidos para os gastos públicos. A declaração foi um recado para os governadores de resistirem à idéia da redução de gastos. Algumas medidas que serão anunciadas na reunião ministerial de hoje se destinam a fazer um corte nas despesas públicas. Prevêem, por exemplo, a possibilidade de demissão de diretores de estatais que não se enquadrarem na política de contenção de gastos e a limitação aos aumentos reais de salários às empresas públicas deficitárias. A Secretaria da Receita Federal deve revelar os nomes de cem inibidos e disse que essa lista é insuficiente para equilibrar as contas do governo. "Vamos ter de fazer esforços adicionais", enfatizou o ministro.

ECONOMIA 3 e 5

FHC [illegible]

CORTES

Cardoso diz que vai pedir mais cortes no orçamento

PÁGINA 3

AUMENTOS

Síndrome do plano chega a FHC. "É um absurdo", diz ele

[illegible] Fernando [illegible] que os gastos serão de [illegible] R$ [illegible] bilhões e [illegible] que esse valor [illegible] para dirigir as [illegible] do governo. "Vamos ter de fazer esforços adicionais", [illegible] o ministro.

A declaração do ministro Fernando Henrique Cardoso [illegible] para [illegible] o plano [illegible] Os planos da equipe econômica [illegible] hoje sofrem desrespeito [illegible] Extremamente [illegible] em [illegible] [illegible] Essas [illegible] [illegible] [illegible]

ACREDITE: VOCÊ VAI LER UM MONTE DE NOTÍCIAS SOBRE POLÍTICA E VAI ACHAR LINDO.

Os nossos diagramadores estão fazendo o que os nossos repórteres, fotógrafos, colunistas e correspondentes de política nacional e internacional já vinham fazendo há muito tempo: dando um banho na concorrência.

O Estadão está passando por uma completa reformulação gráfica. E, depois de mudar o Caderno 2, chegou a vez do Primeiro Caderno apresentar as suas novidades: uma cara nova, moderna, com páginas rediagramadas e distribuição de assuntos reorganizada, que você vai encontrar a semana toda no Estadão.

Essas inovações estão sendo feitas a partir de pesquisas desenvolvidas no mundo todo, levando em conta tempo de leitura, visualização e facilidade para localizar as matérias.

E elas não param por aqui. Até setembro, outras mudanças ainda vão acontecer. Passe numa banca ou ligue para 9 (011) 858-9000 e assine. Você vai conhecer uma das coisas mais agradáveis que aconteceram no cenário político nos últimos tempos.

ESTADÃO

TANTRA

Sexo: o prolo

Por Lucia Freitas
e Lu Gomes

segredo ngado

há milênios o oriente sabe o que o ocidente nem desconfia: o momento de maior plenitude que o ser humano atinge é a fração de segundo que antecede o orgasmo. a idéia é simples – por quê não tentar prolongá-lo? o tantra sabe como.

Fotos: Paulo Mancini
Produção Mônica Mendes

Tantra é uma subversiva e milenar filosofia de vida baseada na magia e na sexualidade. Quando se fala em sexo tântrico, a idéia básica é a mesma do surf: quanto mais tempo na onda, melhor. Se normalmente uma transa dura em média quinze minutos, com as técnicas dos iogues malditos ela pode durar o tempo que se quiser — e acabam os limites do corpo.

Isso pode parecer absurdo para a mentalidade ocidental centrada no domínio do macho e no orgasmo como o momento supremo do sexo. No tantra o papo é outro, começando pela negação do orgasmo. A mulher é quem toma todas as iniciativas, inclusive nos movimentos. O ato sexual se transforma na união do homem e da mulher em todos os níveis: corpo, mente e espírito. Dois universos se unem e gozar deixa de ser a preocupação principal. Não se recusa o orgasmo, mas ele deixa de ter importância. O objetivo é alcançar a iluminação, a integração com o universo, o samádhi

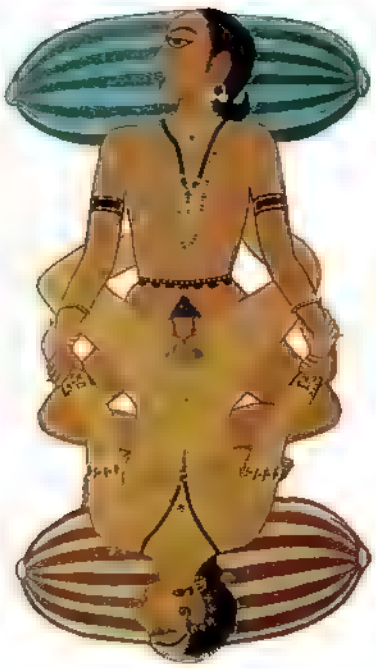
Nesse mundo, a mulher é a Deusa, a mãe cósmica. O sexo é um culto à feminilidade e, portanto, sagrado.

Transformado numa fonte de poder e magnetismo, permite fazer modificações em si mesmo e alcançar o desenvolvimento de potenciais desconhecidos. Espiritualizando a sexualidade, o tantra se integra ao universo para captar sua realidade mais profunda. E a sexualidade é a pulsação criadora definitiva do cosmos.

Qualquer um pode ser tântrico, segundo o casal Ro e Pedro Kupfer, especialistas no assunto. Três passos básicos orientam a prática. Para começar, é preciso sacralizar o ato sexual, o *maithuna*. Depois, evitar o orgasmo. Finalmente, meditar. Evitar o gozo não significa abrir mão de 30 segundos de prazer. Ao contrário, conquista-se um êxtase que vai aumentando cada vez mais e pode não ter fim.

Para sacralizar o maithuna não é necessário acender velas ou rezar. Basta tomar consciência das energias vitais que estão sendo trocadas. Em vez de concentrar-se no prazer egoísta, cada um se abre tanto ao universo corporal do outro como ao seu próprio. O diálogo é fundamental. O casal precisa estar em constante comunicação e prestar atenção na aproximação do orgasmo para não deixar que aconteça.

Há algumas dicas para a difícil tarefa de evitar o gozo, que valem para homens e mulheres. As chaves são duas. a respiração e a contração dos esfíncteres. A respiração deve ser nasal, lenta e profunda. Para desenvolver o controle dos músculos genitais há os exercícios do yôga (com eles, por exemplo, o homem pode tornar-se capaz de reverter a ejaculação e aspirar o esperma



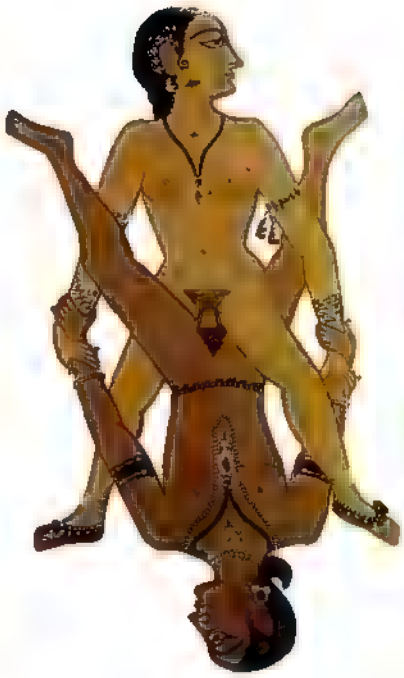
de volta — com o pênis!). E quando estiver no limiar do orgasmo, o segredo é parar sem desconectar. E depois voltar à ação, até parar novamente. Pode durar horas...

É um ciclo, que permite acumular esta energia preciosa. A idéia é acumular o máximo possível para canalizar, através da meditação, as forças que estavam prestes a ser desperdiçadas no orgasmo.

Meditar é simples. Basta concentrar-se no som da própria respiração. Escutando este som, você deixa que todos os seus pensamentos sejam absorvidos, unindo pólos opostos — na prática, sexo e espírito.

Diz a tradição que os "poderes perfeitos" são gerados depois de anos de prática tântrica. Reduzir ou expandir a matéria até o infinito; levitar; diminuir ou aumentar o próprio peso; conhecer o passado, o presente e o futuro; entender todas as línguas e comunicar-se com os animais são alguns deles.

Essa aulinha de tantra é apenas uma luz atrás da porta. Com essas informações, pode-se ver a luz, mas não abrir a porta. Quem quiser se aprofundar no tema vai precisar praticar ioga, ter a orientação de um mestre e muita disciplina. Então, quem sabe, o par consiga bater o recorde dos mestres Ro e Pedro: seis horas de maithuna. Sem tirar de dentro.



O que é tantra

Tantra tem vários significados: trama (de tecido), continuidade, explicar, expor. É também o nome de uma doutrina mística e mágica capaz de despertar poderes desconhecidos O yôga tântrico surgiu há mais de quatro mil anos no vale do rio Indo, resultado dos conhecimentos da civilização conhecida com dravídica. Nesta sociedade não existiam templos, quem mandava eram as mulheres e sua principal característica era a ausência de repressão principalmente dos sentidos. Este conhecimento foi banido pelos invasores arianos e sua doutrina considerada subversiva Mas ela foi transmitida e floresce até hoje, mesmo sendo perseguida em seu berço, a Índia.

O nome explica toda a filosofia da civilização dravídica. Unindo tan (estender) com tra- (instrumento), temos tantra, literalmente instrumento de expansão da consciência. Seu objetivo é alcançar o supraconsciente, raiz do ser e receptáculo de poderes desconhecidos que o tantra desperta e utiliza.

É a união do deus do sono Shiva com a grande deusa Shakti, a potência feminina universal, expressão do princípio criador Shiva é passivo e fica deitado de costas, com o pênis ereto. O deus desperta graças às energias da deusa, que monta sobre ele para desencadear a criação do universo Essa cópula divina é celebrada na prática do tantra

O QUE HÁ PARA LER

Tantra: el culto de lo feminino,
André Van Lysebeth,
Ediciones Urano, Barcelona, Espanha.

IÔGA TÂNTRICO

Ro & Pedro Kupfer
Tel.: (0246) 51-2021
Prof. De Rose
São Paulo: Al. Jaú, 2000 — Tel.: (011) 881-9821
Rio de Janeiro: Av. Copacabana, 583 — Tel.: (021) 255-4243

BEAUTY

Aloisio Ferraz

AGRADECIMENTO

Maiôs Marcelo Bonito

"A mulher cria o universo, é o próprio corpo deste universo. A mulher é o suporte dos três mundos, é a essência do nosso corpo. Não existe outra felicidade, senão a que procura a mulher. Não existe outro caminho, senão o que a mulher pode nos mostrar. Nunca existiu ou existirá, hoje, ontem ou amanhã, outro destino que a mulher. Nem outro reino, peregrinação, oração, fórmula mágica ou outra plenitude que aquelas que a mulher proporciona".

Do Shaktisangama – Tantra II 52

SAMOA
apresenta
TONYFLEURY
5º
SEA CLUB
FINAL HEAT
3 STARS (US$ 40.000)
EVENTO VÁLIDO PARA O W.Q.S.
PRAIA DE MARESIAS-S. SEBASTIÃO-S.P.
11 à 14 de novembro
Inscrições 10/11 - Hotel Canto Do Rio - Av. Dr. Francisco Loup, 338 - Maresias
Informações (0124) 65-1561
ABRASP
asp
WORLD TOUR
PREFEITURA
DE
SÃO SEBASTIÃO
REVISTA
HARDCORE
A MAIS SURF DO BRASIL
REALIZAÇÃO
SEA CLUB

C'mon, baby don't you want to go back to that same old place

Por Jô Elias

Fotos: Mário Fittipaldi

O vento que varre a cidade à beira do lago Michigan dança ao som do blues. No North Side da Wind City, essa música centenária embriaga mais que bourbon. Saúde!

MY SWEET HOME, chicago

Que cena grunge de Seattle, que nada! Na América, vá em busca das raízes: o blues de Chicago, há décadas fazendo a cabeça dos roqueiros mais famosos do mundo. Se o blues nasceu no século passado, à beira do Mississipi, foi à beira do lago Michigan que ele encontrou sua forma mais revigorada e moderna. Na verdade o blues fez sua trajetória que se confunde com a história econômica dos Estados Unidos. Saiu do sul e foi subindo rumo ao norte, onde estava o dinheiro. Passou por Dallas, Memphis, St. Louis até aportar em Chicago. Hoje a cidade é venerada como Meca para qualquer bluesman que se preze. "My sweet home, Chicago", cantam eles em forma de oração.

Clubs e bares simplezinhos e esfumaçados são palco para gente como Junior Wells, Buddy Guy, Lonnie Brooks e Albet Collins arrasar noite adentro, com uma platéia em delírio derrubando alguns goles de Wild Turkey ou de Jack Daniels. Jeff Beck, Keith Richards, Eric Clapton e Eddie Van Halen são alguns dos fãs que já apareceram nos bares para cultuar o blues de Chicago.

A grande concentração de bares fica em North Side, onde estão os maiores monumentos da arquitetura moderna e neoclássica dos Estados Unidos. Em downtown há um imperdível, o Buddy Guy's Legend (754, South Wabash). É dele mesmo, o velho Bud é sócio do boteco. O clima é o seguinte: todo mundo se veste meio largado, há algumas mesas de snooker no fundo e no palco o blues rola solto enquanto as pessoas dançam alucinadas e outras acompanham o som estalando os dedos (tomaram muito bourbon para conseguir ficar em pé). Para se ter uma idéia, Steve Ray Vaughan e Jeff Beck fizeram uma noite memorável no Legend's e André Christovam foi ovacionado numa segunda-feira, com uma platéia ultra-seleta. O point é quente.

Para esquentar a noite fria, canja é servida fervendo no B.L.U.E.S. ETCETERA.

Atravesse o rio Chicago e vá para o Lado Norte. Ruas simpáticas, com casinhas de madeira em estilo vitoriano, lojas de roupas alternativas, brechós e restaurantes despretensiosos e baratos são o que se encontra durante o dia. À noite, some aos restaurantes uma série de clubes noturnos, onde se encontra de tudo, de jazz à "indie" rock.

Mas é a essência da música americana, o pai do jazz e o avô do rock, a grande atração. Blues na veia se toma na Halsted Avenue, onde estão o Kingston Mines e o B.L.U.E.S (na altura do 2.500, um fica quase em frente ao outro). O primeiro é considerado o melhor bar de blues do mundo. Por causa das atrações, da moçada que freqüenta e principalmente do clima. É normal os blueseiros vararem a noite inteira em sessões de canja com feras conhecidas ou não. O B.L.U.E.S. é menor, aconchegante, mas não fica atrás em animação - só que fecha mais cedo. Tem ainda o Rosa's Lounge (3420, West Ermitage), fruto da paixão de um italiano pelo blues, que um dia foi visitar seu amigo Junior Wells e não voltou mais. Ou o B.L.U.E.S. Etcetera (1124, West Belmont), filial do B.L.U.E.S. Cheque a programação nos jornais locais alternantivos e escolha o seu destino - por incrível que pareça, o *Chicago Tribune* e o *Sun-Times*, os dois maiores, não publicam a programação diária dos embalos noturnos.

Chicago fica no meio dos Estados Unidos, bem no topo, a duas horas de Nova York e Washington. Se nenhum destes argumentos o convenceu a dar um pulo até lá, então desista: You haven't got the blues, man!

No B.L.U.E.S., a cerveja é o combustível. *What a party, boy!*

Christovam & banda, Caddy Eldorado, Cidade do Vento.

As dicas do André

"Bluesman brasileiro? Tocando bem? Sei..." Eram os comentários dos caras que Buddy Guy e Junior Wells tinham convidado para as minhas duas apresentações no Legend's. A estréia, uma segundona, vai ficar marcada pra sempre na minha memória. Na platéia estavam os melhores caras de Chicago pra me ver. Eu não acreditava. Uma coisa é tocar com o Buddy ou o B.B. King. Outra coisa é estes caras darem uma canja no teu show, em Chicago. Depois, vieram me elogiar, principalmente quando eu toquei slide. Foi aí que eu conheci B.B. Odom, cantor que eu sempre admirei e que acabou participando do meu disco, um ano mais tarde.

Isto era em 1990. Fui pra ficar quatro dias, mas acabei ficando doze. Eu, que morei em Los Angeles e fui várias vezes a Nova York, sempre tive receio de ir pra lá. Achei que não conseguiria voltar pra casa nunca mais. Voltei em 1991 para gravar 2120, meu último disco, no estúdio do mesmo nome, antes o legendário Chess, onde gravaram os maiores feras do blues. O nome mudou porque a MCA comprou o selo. Mas o estúdio continua no mesmo lugar, 2120 South Michigan Avenue, e já virou atração turística. De todos os bares de Chicago, o que eu mais gosto é o Kingston Mines. Mas o Legend's virou meu ponto obrigatório quando estou na cidade. Às vezes, depois da gravação, ia sozinho pra lá e acabava dando canja. Os discos eu compro no Jazz Record Mart (11 West Grand Avenue), especializado no gênero. Eu sempre me hospedo no Blackstone (636, South Michigan), que fica a uma quadra do Legend's. Um lugar que eu acho demais e não se deve perder é a Grant Central Station, a principal estação de trem, onde foi filmado *Os Intocáveis*. Claro que eu não resisti e fiz uma foto nas escadarias, fingindo estar atirando nos gângsteres.

André Christovam

■ JK - Av. Juscelino Kubitschek, 1819 - Itaim - Tel.: 820-8383 ■ BTV - Av. Bem-Te-Vi, 86 - Moema - Tel.: 530-4464
■ CPT - Av. Prof. Alceu Maynard Araújo, 71 - Chác. Sto. Antônio - Tel.: 523-1235 ■ LESTE - Rua Serra de Botucatu, 900
Tatuapé - Tel.: 296-2769 ■ ANGÉLICA - Av. Angélica, 635 - Higienópolis - Tel.: 67-4874 ■ RUNNER NORTE - Breve

RUNNER.
HEALTH AND FITNESS

CHRIS COLOMBO
HOSOI
NÃO TER OS PÉS NO CHÃO É A MAIOR RESPONSABILIDADE.
HOSOI
SKATE SHOES
IRWIN
FAX: (021) 776-3442

Eles são o novo rosto do poder no Brasil.

AÇÃO EM ALTA

SURF

Dirigem organizações pesadas, lidam com dinheiro grosso e o destino de muita gente. Mas o poder novo é esperto o suficiente para não abandonar uma conquista pessoal: o prazer de viajar nas ondas.

*Por Moacir Ciro Martins Jr.**

O que leva empresários, profissionais liberais e outros nomes respeitados em diversas atividades a encarar pranchas e ondas?

A maioria aponta para a surfterapia como motivo principal. Pendurar a gravata, vestir uma bermuda e calçar uma prancha tem efeitos mágicos. O sol, a água salgada do mar e a sensação de dropar uma onda casca grossa promovem um verdadeiro descarrego. Ao pé da letra, é lavar a alma.

O corpo, que permanece a semana toda embalado em roupas exigidas pelas regras sociais e embutido em escritórios movidos a ar-condicionado e secretárias chatas, assina sua carta de alforria quando passa a linha de arrebentação e se coloca a espera das boas séries. Nenhum surfista genuíno cometeria a heresia de, por exemplo, carregar um telefone celular para o ritual do surf. A única coleira permitida é o lash, um verdadeiro cordão umbilical.

Quarentões, ou perto disso, os homens de negócios viram um cara qualquer nos points escolhidos. Surfam ao lado de garotões, estudantes e, com certeza, na mesma onda que muitos desempregados. O surf é democrático. E não tem essa de corrupção. Ninguém compra, suborna ou encomenda uma onda. O mar é que define suas características. Aí, é só se posicionar, escolher, remar e curtir a sua força, tentando conviver com ela. Nada parecido com a maratona de pressões, sacanagens e interesses tão comuns ao mundo dos negócios.

A tarefa de tocar uma empresa, fazê-la crescer nesses tempos bicudos, consome corações, fígados e estômagos. Nada como um mar inteiro para recompor as forças, longe da artificialidade de uma academia de ginástica. E aí não importa a habilidade do piloto com sua prancha. Os que começaram cedo, reciclam a adrenalina tantas vezes colocada em circulação. Os novatos vibram ao descobrir capacidades até então adormecidas. E todos experimentam a agradável sensação de que não estão mortos. Com certeza, riem da vida burra escolhida por aqueles que entregaram físico e mente ao ócio absurdo.

Paulo Vainer

arquivo pessoal

arquivo pessoal

Pedro Cruz Villares

andre sader

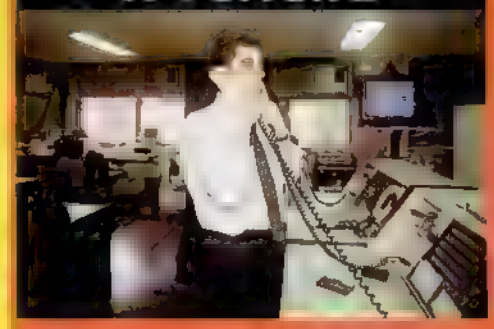
arquivo pessoa

Ele não nega. É um prego confesso, mas tem suas justificativas. Pedro Cruz Villares tem 31 anos de idade, e apenas quatro como surfista. Já tomou muitas "vacas" e não desiste. Garante que está cada vez melhor. Ele é mais um que escolheu o surf para fugir das tensões que enfrenta no seu dia a dia à frente de seu trabalho na Iziz, empresa que sua família divide com a multinacional IBM, onde é diretor de recursos estratégicos e administra o sucesso de negócios que valem 25 milhões de dolares.

"Pego onda no máximo duas vezes por mês. É uma das poucas maneiras que tenho para relaxar, esquecendo de tudo. Principalmente dos negocios", diz. O surf, entretanto, não é tudo na vida do empresário paulista. "Nunca deixei o trabalho para pegar ondas. Sou responsável demais", confessa. Da mesma forma, Villares nunca embarcou em uma viagem internacional com o objetivo de surfar. Mas quando está fora do país tratando de negócios, não perde uma boa oportunidade.

Um dos maiores sufocos que Villares já enfrentou foi em Maresias. Inaugurando uma 7.2 logo após uma ressaca brava, o empresário bebeu muita água salgada. "A ressaca tinha passado e eu não percebi que o mar ainda estava muito grande. Vareia arrebentação de ponta-cabeça. Fiquei assustado". Na sua opinião, momentos como esse não significam nada perto dos prazeres que conseguiu surfando. "O surf consegue unir paz, harmonia com a natureza e muita adrenalina. Poucas coisas são melhores que isso", diz o surfista que tem em São Pedro, Guarujá, o seu point preferido.

Luiz Alvaro de P. Ferreira



Se para muita gente surf é desafio, para Luiz Alvaro de Paiva Ferreira é sinônimo de tranqüilidade. Aos 31 anos, casado, ele batalha a semana toda como corretor de valores do Grupo Lavra, onde atende cerca de 120 clientes fixos em negocios que giram em torno de um milhao de dólares. Tensão garantida o dia todo. Quando consegue escapar para Itamambuca, em Ubatuba, usa o surf para recarregar as baterias. "É um momento só meu, filosofia".

Quando garoto, passava as férias na casa do avô, no Rio de Janeiro. E foi no Leblon que pegou sua primeira onda, usando um canhão emprestado de seu primo carioca, conheceu os prazeres de descer uma onda. Não parou mais. Quando completou 13 anos conseguiu comprar uma prancha só para ele.

O amor pelo surf e pelas boas ondas já lhe causaram prejuizos. "Eu estava no sul, durante um carnaval. Tinha compromissos com um cliente, mas não resisti e fiquei por lá. Hoje esse cliente não quer mais operar comigo". Trabalhando com muito dinheiro, hoje ele tem recursos para viajar atrás das ondas que quiser. "Só não tenho tempo. Antes era o contrario. Tinha tempo, mas não tinha grana".

paulo pacheco

arquivo pessoal

Sérgio Sirotsky

andré sader

O gaúcho Sérgio Sirotsky tinha 11 anos quando descolou a sua primeira prancha, prêmio por ter passado de ano com raríssimas boas notas. Mas o momento mais emocionante foi quando se viu pela primeira vez cara a cara com uma prancha. "Era do Caco Tartarole. Linda, colorida. Eu a toquei e pensei: um dia quero um brinquedo desses"

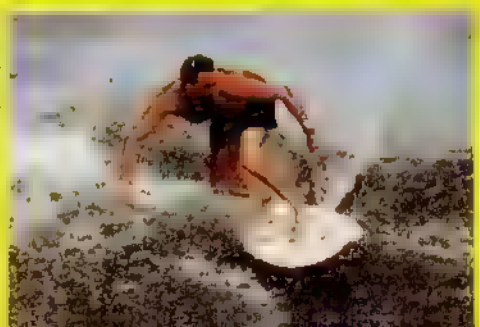
Por 15 anos, Sérgio agregou o mar, ondas e pranchas a seu cotidiano. Foram muitas as viagens atrás das melhores ondas Que encontrou na Nova Zelândia e no Hawaii. Competiu apenas uma vez e não se ligou nessa.

Sérgio ocupa o cargo de gerente de produto e serviços do Diário Catarinense, do Grupo RBS, uma das mais importantes empresas de comunicação do país. Morando em Florianópolis, ele é vizinho das boas condições para a prática do surf

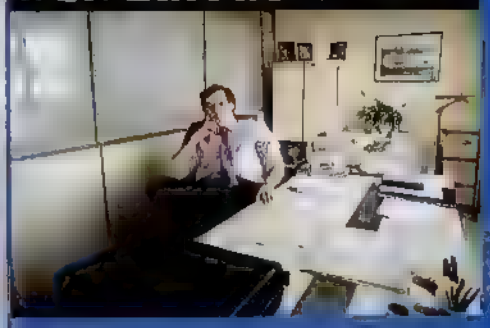
Sirotsky teve pelo menos duas atitudes pioneiras em relação ao esporte. Foi o responsável pelas primeiras transmissões ao vivo de campeonatos, pelo rádio e televisão. Ambas em Florianópolis e sempre através do grupo RBS (retransmissor da TV Globo). "Não deu lucro, mas foi algo que fiz de coração" Para ele, a televisão ainda é muito cara para os patrocinadores do surf. Mesmo assim, vê progressos no espaço que o esporte vem conquistando nas TVs, notadamente na Globo "A saída, como já foi demonstrado nos Estados Unidos, está na TV a cabo, onde se pode falar diretamente com os interessados no esporte, a preços mais possíveis para as empresas"

Ele acredita que, como já acontece com a música, a produção de vídeos de surf vai aumentar e será veiculada nessas emissoras

arquivo pessoal



Paulo Sérgio C. Galvão Filho



Paulo Sérgio Coutinho Galvão Filho, [illegible] surfista das antigas. Já salgou o corpo em [illegible] Hoje [illegible] S.A., holding do grupo Klabin que atua nas áreas de papel, celulose e editoração, onde [illegible] o vice-presidente. Para não fugir da regra, Galvão estreou no surf com uma autêntica pranchinha de isopor. Tudo aconteceu no Morro do Maluf, Guarujá, berço de inúmeros surfistas. "Depois da primeira vez, foram [illegible] 10 anos de vida com o surf sendo prioridade. Nunca mais larguei", confessou entusiasmado.

Galvão não gosta do surf competição, pois considera o esporte uma coisa do coração, "que vem da alma". Por isso mesmo, sem condições de envolver dinheiro e profissionalismo. "Não dá para surfar, depois pegar um cheque e correr para o banco". Mas, homem de negócios que é, entende a existência desse segmento. "É um negócio", sintetiza.

Das inúmeras viagens que já fez, a que permaneceu mais forte em sua lembrança foi a para Puerto Escondido, no México. "Teve um lance de aventura, vôo de DC-3, ainda era um lugar meio desconhecido, acho que foi em 79 ou 80". Entretanto, para ele, nenhum lugar supera o Hawaii, onde já dropou ondas de 15 pés. "Hoje fico satisfeito com uns 10 pezinhos".

Ele se entusiasma quando tenta decifrar em palavras as emoções de surfar. "Não há nada como o momento em que você dá uma cavada e vê aquele expresso de água se abrindo, puxando, desafiando. É um arco-íris". Ele garante encontrar uma ponta de inveja nas pessoas que descobrem atrás do empresário engravatado um autêntico surfista. Apesar de levar a sério sua carreira

APOIO

CLARK FOAM
A Nº 1 DO MUNDO

O nosso

concorrente

está de

cara nova.

WUNDERMAN CATO JOHNSON

Por três anos, Xandinho foi o melhor "gringo" nas ondas de Pipeline

Xandinho morre em Portugal

A morte de [illegible] de Pontes e Xandinho [illegible] de agosto um acidente de automóvel [illegible] quando [illegible] Além de um [illegible] trabalho que [illegible] Radley.

Quadro animador

[illegible]

Amsterdam

Olhar Silencioso

Este é o título da exposição do fotógrafo André Sader, colaborador da TRIP, que acontece de 14 de setembro a 12 de outubro na lavanderia Roupa Suja, em São Paulo.

Em 20 ampliações P/B 40x40 André [illegible] detalhes [illegible] Amsterdam. O endereço é rua Cristiano Viana, 537, em Pinheiros.

Petitbom

[illegible] Glorinha Kalil, ex-Fiorucci, Atenção.

salada

Havaiana francesa

As facas Opinel são as sandálias havaianas dos franceses. Todo cidadão já teve, tem ou terá uma. O design simples e perfeito do cabo de madeira e o corte sempre afiado da lâmina de aço, tornaram aOpinel um objeto cult e ao mesmo tempo útil na cozinha e até em viagens. As facas existem em vários tamanhos. A da foto (Opinel nº 9) custa 38 francos (aproximadamente 7 dólares) em qualquer loja francesa.

Paulo Lima

Os idiotas da MTV

Beavis (à esq.) e Butt-head com cara e todo. Na foto, "dançando" com ar de moda

R.F.C.

Ponha isso na cabeça!

Bom, bonito e barato. Esse "BBB" continua sendo um método de marketing infalível. A marca de relógios Swatch, que chacoalhou o mundo do consumo com suas centenas de modelos criativos e coloridos, descobriu o Eldorado lançando uma coleção de óculos com lentes cambiáveis. A qualidade das lentes, o design, as cores mais diferentes possíveis e o preço (aproximadamente US$20) já estão preocupando os Vuarnets, Ray Bans, Killer Loops e outras marcas que há tempos protegem (e custam) os olhos da cara da moçada.

Uma marca que começou pequena e voltada para o público mais exigente do chamado underground californiano também começa a ocupar lugar no topo da lista dos best sellers em óculos escuros. Esse mercado gira bilhões de dólares que saem especialmente dos bolsos dos jeans da moçada. Já existe hoje uma multidão considerável que não quer paracer um inca venusiano usando óculos espelhados que parecem equipamento de soldador. Para essa legião, os modelos clássico-modernos da *Black-Flyes* têm sido a resposta.

P.L.

ONDAS TROPICAIS - A MÚSICA DO 4º MUNDO - COM SÔNIA ABREU - BRASIL 2000 - 107,3 FM 2ª A 5ª DAS 21 ÀS 23h.

reprodução

Pense e dance

divulgação/sony music

Gabriel pensando.

Quem não lembra do rap "Hoje Tô Feliz! (Matei o Presidente)"? Depois de dar um teco no meio dos olhos do Fernandinho e descolar seus 15 minutos de fama regulamentares — saiu até na *Source Magazine*, a nº 1 do rap segundo Ice-T —, Gabriel, o Pensador, volta pra infernizar a vida da Liga das Senhoras Católicas do Brasil e de seus maridos políticos.

"Abalando" e "Retrato de um Playboy" formam o novo single do rapper carioca que, por uma "incoerência do destino", é filho da jornalista Belisa Ribeiro, uma das ativistas coloridas de 1989.

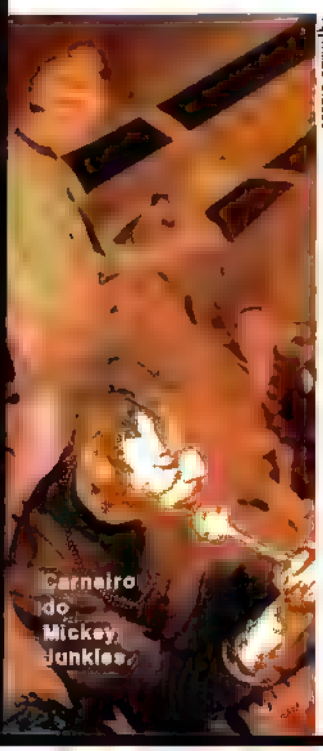
Abrindo "Abalando", o Pensador chupa Ice-Cube em "I'm The Nigga You Love To Hate" e manda um "Gabriel, o Pensador, o homem que eles amam odiar voltou pra tentar falar...". As letras são raivosas, parecem escritas por quem vive nas periferias, perto das chacinas, pega ônibus e toma geral dos "homi" toda noite quando está voltando do baile. Mas Gabriel não fala de gangues de rua, bebe em outra fonte. Fala de gangues de políticos, de playboys e de caras de vida fácil que querem censurar sua música.

A produção é de alta qualidade, com samplers de guitarra de Sly and The Family Stone, e voz de Chico Buarque, Bob Marley, Rolling Stones, Geraldo Vandré e Paralamas do Sucesso, entre outros. Ouça e pense. *R.F.C.*

Massacre de tribos em Campinas

Entre os dias 17 e 19 de agosto rolou na Unicamp, em Campinas (SP), o festival udigrudi Ju Strings e o DCE da universidade, reunindo as bandas mais interessantes da cena subterrâ Nelson Rodrigues da crítica de rock"— Massari, o VJ (que não é VJ) do sorriso maroto, es

Se você não foi uma das 5 mil e tantas pessoas que foram ao Juntatribo, você se privou do seg que levava em todos os poros a terra batida mais picareta do planeta; da ausência das tais barra — ninguém apareceu, com a nobre exceção de uma simpática e organizada gangue de punks não matam fome" —; da falta de opção aos sandubas do Mar-Cão; da confusão de chegar ao local


sergio carvalho

Carneiro do Mickey Junkies.

E quem foi ouviu, com um sorriso maroto, correr a notícia-presta polícia não podia entrar, e participou das performances nos escomb o melhor: sentiu na carne o *Massacre Piracicabano da Serra Elétrica* que foi o Killing Chainsaw ao vivo, com a rampa de skate ao fundo rasgando a tela; xingou o velhinho da mesa que desligou o som dos Pin Ups por medo de explodir o amplificador; pogou no "House of Pain" do Happy Cow e no "Seaweed" do Tube Screamers; viu jornalistas famosos apagarem um princípio de incêndio sem largar o copo; detonou Madonna com o Second Come; viu a explosão do nosso hardcore; cantou no palco "Macho Man" com os Muzzarelas pelados, e caminhou por Osasco com o Mickey Junkies.

Enfim, o Juntatribo foi um dos mais fiéis retratos de família do nosso underground. As implicações mercadológicas pré e durante festival passaram longe. De agora em diante, pouco importa. Quem foi participou de um capítulo todo especial da história do nosso rock, e continua com aquele sorriso maroto no rosto.

Fabio Massari produz e apresenta os programas Rock Report na 89FM, São Paulo, e Lado B, na MTV.

tripas

DE RICARDO FRANCA CRUZ

FM FLUMINENSE 94,9 ROCK ATTITUDE

HAPPY O que aconteceu com o metal há alguns anos, está se repetindo com o rap. Dr. Dre na Billboard, rap na programação de algumas FMs paulistas, Pavilhão 9 tocando no Der Tempel, em São Paulo, pra um povo que costumava ouvir "sub pop", centenas de bandas boas mandando recados nos bailes da cidade, jazzrap, *Do The Right Thing*, *New Jack City*, *Boyz 'n' the Hood*, *Juice*, *Who's the Man*, *Trespass*, *Poetic Justice* e mais outros, skatista falando que nem negão gringo, House of Pain e Goat lançados por aqui. Só falta ter banda de rap tocando nos Olympias da vida e o *Yo! MTV Raps* ser legendado.

PENTELHATION Alguns cinemas de São Paulo estão exagerando. Depois de se acomodar em frente à tela, você tem que assistir a uns 10 minutos de anúncios chatos, daqueles que você não dá a mínima quando vê na TV. As agências e produtoras deveriam se preocupar mais com essa mídia, que não é das mais caras, e produzir comerciais à altura da dimensão de uma tela de cinema. Saudades do Primo Carbonari, dos documentários sobre Getúlio Vargas e das finais Fla X Flu no Maracanã — *"Que bonito é..."*.

REMÉDIO DE PARANGA Cientistas do Conselho de Pesquisa Médica britânico estão tentando dar um jeito de usar o THC (tetrahidrocanabinol), que é o componente da maconha que dá barato, como remédio nos casos de glaucoma —o que não é nenhuma novidade — , náuseas devidas à quimioterapia, inflamações e outros. Rolou que os caras isolaram receptores, que são substâncias nas quais o THC se encaixa, no baço e isso mostra que do fumo podem derivar certos remédios que não "afetam" a mente, só o corpo(deu pra entender tudo?). Depois da *sis* aquosa — que chega a custar US$ 13 mil/litro — , só faltava mesmo remédio.

VALLE TUDO Que tal o Elia Jr. e o Luciano Jr., filho do Valle, cantando "Yves Brussel" com o Ben Jor em Campos do Jordão, no último sábado das férias escolares de julho? Dá licença! Pior que isso só o "Traumaturgo" Ferreira e aqueles outros "atores" globais querendo virar cantores. Mas sabe o que é pior mesmo? As mina paga um sapo.

Ô BERIMBAU, PEDAÇO DE ARAME, PEDAÇO DE PAU... Tá a fim de comprar um berimbau ou outros instrumentos de percussão (afoxés, caxixis, xequerês, cabuletês, entre outros) feitos artezanalmente por um mestre no assunto? Em São Paulo, no Bom Retiro, o soteropolitano Tomas Barbosa da Silva, 63 anos, o seu Tomas do Berimbau, faz a bagaça — o berimbau — (US$ 5) ali na lata, na sua frente, e você não paga nada pra ouvir as histórias desse figuraço. Mestres coonceituados da capoeira, como Paulo Gomes da Ilha de Maré (São Paulo), têm o seu "by Tomas". Servicinho: (011) 220-3197, rua Antônio Coruja, 81.Vai lá, mané.

PEIXES-CARNE Estes terríveis, grotescos e carnívoros parasitas sanguinários, que podem estar se desenvolvendo dentro do seu intestino grosso, são mais uma criação do vermelho MZK, da Estação Manda (mas, manda o quê, hein?). Em vinhetas bimestrais pra você (e pra mim).

Furinho sexy

a. berg/t.spoomer/sigla

Segundo a obra erótica *Kama Sutra*, os indianos furavam seus pênis, para decorá-los com uma jóia que aumentava o prazer do casal. Conhecida hoje como *body piercing* (furando o corpo), essa técnica consiste em colocar jóias em lugares como nariz, língua, sobrancelha, mamilos, umbigo, pênis e clitóris. Os furos são feitos com agulhas intravenosas e a cicratização dura de um a quatro meses – dois no caso dos mamilos, três no caso da língua. Pra quem encarar a dor, o *body piercer* André Meyer, que aprendeu as técnicas do *piericng* em Londres, vem decorando alguns corpos no estúdio de tatuagem Tattoo You by Led's. Os preços variam de US$ 50 a US$150. Se você não está satisfeito com apenas sete buracos na carcaça, ligue (011) 212-0135.

chips & salsa

André Barcinski
de Los Angeles

● E essa tal de nova onda do rock brasileiro, tão divulgada pela *Bizz*? Como estou morando em Los Angeles ainda não tive a oportunidade de conhecer todas as bandas. Escutei a tal de Gangrena Gasosa, do Rio, e cofesso que não me impressionou. Tudo bem, os caras são bem-humorados, as letras são engraçadas, mas o som não sai muito do thrash-hardcore convencional.

Pelo menos existe gente nova para se ouvir, não é aquela pasmaceira. A maioria desses grupos que estão começando agora tem uma grande vantagem em relação àqueles do começo dos anos 80, que deflagaram o "Rock Brasil": a falta de influência da MPB.

Sei que ainda existe um monte de bandas que se dizem influenciadas por Caetano, Chico Buarque e Gilberto Gil, e isso é muito triste. Fica difícil se pensar em uma nova cena quando os grupos ainda estão atrelados a músicos e influências que fizeram a cabeça dos nossos pais e que não dizem nada para a nossa geração.

Alguns chatos vão dizer que é preciso "incorporar ritmos locais" para se criar algo de interessante. Isso é besteira, coisa de estudante de sociologia que anda com sandália de couro e que fica emocionado no Dia do Índio. O Jesus & Mary Chain é da Escócia e ninguém toca gaita de foles na banda. Alguém espera que um brasileiro que cresceu ouvindo Iron Maiden, Pantera e Metallica vá gostar de um berimbau?

● Chegou na minha mão a enganação mais sem-vergonha que estes ouvidos já tiveram o desprazer de escutar. *Titanomaquia*, o novo LP dos Titãs. Confesso que até gostava de "Porrada" e "Televisão", mas isso aqui é o fim da linha. É tão forçado, tão "vamos-botar-uma-distorção-e-fazer-cara-de-mau-para-parecer-punk", que o jeito é rir para não chorar.

Os caras ainda têm a audácia de dizer na *Bizz* que sempre ajudaram bandas novas, que deixaram Volkana, Virna Lisi e Moleque de Rua abrirem seus shows. Mas por quê os Titãs não abriram espaço para bandas novas antes de 92? Por quê quando estavam no auge, com o *Cabeça de Dinossauro*, não convidaram nenhuma banda para tocar com eles? Já vi pelo menos dez shows dos caras e nunca tinha visto ninguém abrindo seus shows até o ano passado. Agora, que estão decadentes, ficam dando uma de LBA.

● Façam passeata, greve de fome, abaixo-assinado, qualquer coisa, mas pelo amor de Santa Maria obriguem a Warner a lançar no Brasil o novo disco do Flamin Lips, *Transmissions From the Satellite Heart*. É inconcebível que essa pancadaria-maníaco-psicodélica fique inédita no Brasil, como aconteceu com todos os álbuns da banda.

● Esse papo do Zé do Caixão estar fazendo sucesso aqui nos Estados Unidos não é balela. O pessoal da Something Weird Video, empresa que lançou os filmes do Zé, está até o pescoço de encomendas e as revistas e fanzines sobre cinema estão fazendo elogios do tipo "gênio do horror". Glauber Rocha? Nelson Pereira dos Santos? Igual ao Zé não tem. Na faculdade de cinema, em vez de estudar Cinema Novo e outras chatices, deveriam dar cursos sobre esse cara.

● Show do mês: Frank Black, ex-líder do Pixies. Difícil imaginar uma combinação tão explosiva: primeiro, o Reverend Horton Heat aqueceu a galera com seu rockabilly insano. Depois Frank Black entrou, com uma banda que era metade do Pere Ubu mais o tecladista do Captain Beefheart, e tocou todas aquelas maravilhas do seu primeiro disco solo. Se alguém conhece uma canção pop mais bonita que "I Heard Ramona Sing", por favor me avise.

● Filme do mês: *Dead Alive*. Feito na Nova Zelândia, é uma comédia estilo *Evil Dead* sobre zumbis assassinos. Só a cena em que o herói paspalho destroça 50 zumbis com um cortador de grama vale o ingresso. Deve pintar logo em vídeo no Brasil.

● Babaca do mês: Henry Rollins. Nosso ex-punk vitaminado apareceu na MTV americana recitando poesia e dando uma de "pensador". Se fosse no tempo do Black Flag, seria expulso da banda com certeza.

● Recado final: Meu amigo Paulo César Martin e eu estamos a fim de ressuscitar o *Garagem*, nosso programa de rádio que foi abortado pela cretinice da Rádio Gazeta de São Paulo. Se alguém souber de alguma estação interessada, por favor escreva para a Trip. Abração

Inglesinho enjoado

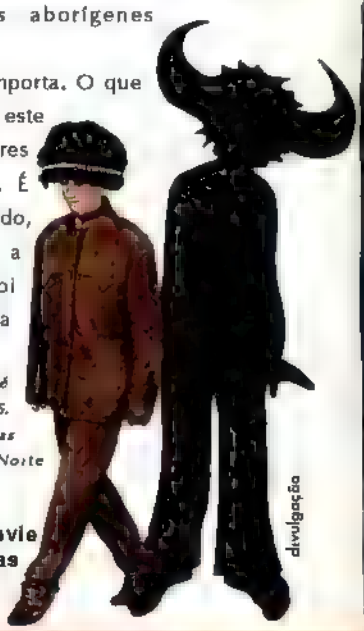
O que dizer de um cara que tem a voz do Stevie Wonder e faz um som que mistura funk, soul, acid jazz, disco? E ainda é bom! Assim é Jamiroquai, o maior *hype* da imprensa inglesa desde o Suede. Foi capa da *Face* e teve as resenhas mais espertinhas de todas as publicações igualmente espertinhas da Inglaterra. Mas não é só mídia. Eles entraram direto em primeiro na parada do Reino Unido com a obra prima "When You Gonna Learn", desde já um dos hinos dos anos 90, que tem a participação do povo do Brand New Havies e Young Disciples.

A coisa toda tem atitude. As letras das músicas têm um discurso pacifista e ecologicamente correto. Se é chato? Claro que não. Até porque só dá pra entender as letras lendo o encarte, e o som é tão maravilhoso que fazer isso é pura perda de tempo.

Esse nome esquisito vem dos índios americanos iroquais. As roupas do vocalista Jason Kay, ou Jay, de 22 anos, também. E a sonoridade bizarra de "When You Gonna Learn" e da faixa-título "Emergency On Planet Earth" vem do instrumento *digeridoo*, dos aborígenes australianos.

Nada disso importa. O que vale mesmo é que este é um dos melhores discos do ano. É chique, sofisticado, moderno e — a melhor parte — foi lançado aqui pela Sony Music.

Erika Palomino, 25, é jornalista da Folha de S. Paulo, onde às sextas assina a coluna Noite Ilustrada.



divulgação

J.K.: voz do Stevie Wonder e roupas dos índios Iroquais.

Utwo

VOCÊ SABE ONDE ENCONTRAR SHARON STONE, AYRTON SENNA, SALVADOR DALI E MADONNA?*

3 MILHÕES DE FOTOS

FOTOARQUIVO

SIGLA

FOTOJORNALISMO

R. GREGÓRIO SERRÃO, 254-SP
TEL:549.2766-FAX:575.1224

O SEU BANCO DE IMAGENS

*A Sigla não possui direito de imagem.

QSL roger

ROGÉRIO GELLO

SALVE, SALVE A PILANTRAGEM

• As crianças do Brasil merecem coisa melhor. Estão nas mãos de vigaristas profissionais. Os medíocres lhes roubam tudo: informação, dinheiro, cultura e alimento. É claro que existe uma ilha dourada com comida, música, televisão, cinema, jogos, viagens. Tudo de primeira. Mas a grande massa é obrigada a engolir lixo. Alô, alô velho guerreiro. Que fracasso. Alô, alô seu Chacrinha. Aquele abraço.

• Ser fiel é muito bom. Fiel às idéias e, principalmente, às mulheres. Sou casado com a minha estrela Andréa Beltrão. E tenho ótimas idéias. E nenhum motivo para ser infiel.

• Nada como um dia depois do outro. Retificar é preciso. Os bacanudos de ontem são a infâmia de hoje. Mas Salomão já dizia na Bíblia: "Que a tua boca não se apresse e o teu coração não se afobe." Se até Lúcifer, que era o angélico da luz, acabou no inferno como imperador...

• Fui presenteado pelo Luciano Callegari e pelo Marcos Wilson com o privilégio de trabalhar no Jornalismo do SBT, com profissionais do naipe de Albino de Castro e Alberto Villas. Feras do primeiro time da TV. É ótimo dirigir comerciais para a Fischer, de Eduardo Fischer e para a Cinema Centro, de Enzo Barone. Feras do primeiro time da propaganda.

• No TV Folha de 08 de agosto, um indivíduo pretendendo acertar velhas contas profissionais comigo, fez um comentário maldoso em relação ao meu trabalho, aproveitando sem ética o espaço que a Folha de São Paulo generosamente lhe concede. Ficou entre a deselegância e a delação. Ou, como diriam os Titãs: "QUAL É O PROBLEMA, SEU BOSTA??".

• Agradeço ao Zé Simão o galo de macumba. Sou chegado num despacho, não saio de terreiro e com duas pingas me amarro em qualquer pomba gira. Quero a grife sem desconto. Gallo de Macumba.

• Recomendo: *Madadaio*, de Kurosawa. *Zooropa*, do U2. *El Paseante — China*, da Editora Siruela. Kibe, da cantina do SBT. *Televisão*, de Jacques Lacan.

• Em tempos de revival, esta vai com endereço certo: "Bonitinha, mas ordinária." Por Nelson Rodrigues, um legítimo Gallo de Macumba.

Julho de 93 - o estudante Marco Antônio, de 16 anos, é assassinado por uma gangue em Brasília em consequência de uma briga na escola.

CUIDADO!
A IGNORÂNCIA PODE ESTAR NA SUA CLASSE

A revista TRIP COLLEGE é a resposta da Editora Trip à todas as formas de massificação e ignorância que tendem a envolver quem está estudando.
TEEN PORRA NENHUMA!
TRIP COLLEGE, a 1ª da classe

tico ao tubarão

Tico Cavalcanti

O POLVO NO PODER

● Estaria o homem pronto a contribuir para o futuro da existência mais do que um mero tubarão? Fartas as possibilidades, mas o ser pensante tem se mostrado incompetente no assunto. Acabou a guerra fria e ruiu de vez a ilusão marxista do povo no poder e de igualdade social. Como prova, a Rússia dos últimos setenta anos: poder demais na mão do Estado que escangalha com tudo.

Agora a palavra de ordem no mundo moderno é o enxugamento do Estado — que provou-se moroso na economia e guloso na administração do bem-estar social. A iniciativa privada toma o rumo dos negócios, e como enxerga que saco tem fundo, trata do dinheiro com mais respeito e carinho.

Mas... e no Brasil do terceiro mundo? Coitado do terceiro, parceiro...

O triunfante capitalismo vai ficando mais selvagem do que nunca e a manipulação do Estado deixa as coisas no estado em que estão. Troca-se os responsáveis de quatro em quatro anos e aí está: o país de quatro, sem ninguém PODER piar.

Veja-se uma privada e o elemento com prisão de ventre. Os recursos só caem com muito esforço, pois fora quem paga na fonte, ninguém quer se educar a pagar impostos impossíveis e que não voltam em benefício de todos. Quando o bolo cai, aí então é uma festa, aperta-se o botão e desce tudo, descarga abaixo com destino embaraçoso.

Vote no híbrido político brasileiro com monge tailândes!
Voto de castidade (não pode fu...)
Voto de pobreza (não pode ter bens!*$%?)

Cabeça raspada e manto cor de laranja para fácil reconhecimento.

Direito de ir e vir sem gastar um puto, do cafezinho no botequim à viagem de avião, tudo de graça, mediante o cumprimento de todos os itens anteriores.

Ou é delírio ou é TRIP! Tubarão deixando de atuar e os tentáculos do poder com o polvo!

SEJA O PRIMEIRO A SABER

Só há uma publicação preocupada em antecipar o que há de mais quente quando se fala em young trends.
Assine TRIP já e saiba antes o que rola em São Paulo, no Brasil e no mundo.
Sua revista chega rápido, num envelope protetor personalizado, pelas mãos de portadores motorizados.
O preço fica congelado e você não toma pau da inflação.

"No mês de julho, a revista "Interview Sexy" vai fazer o que "Playboy" ainda não decidiu : estampar Regininha na sua capa. Quem saiu na frente foi a revista "TRIP", que já mostrou a loira poltergeist nua em uma série de fotos feitas no Méier..."

REVISTA DA FOLHA (F.S.P.)
Domingo, 13 de junho 93

"O interesse constante pela inovação pode ser sentido a partir da hora em que se procura a TRIP na banca e descobre-se que se pode optar entre duas capas diferentes."

REVISTA PROPAGANDA
Maio 93

"Apesar desse visual heavy, Dadá é baixista da banda de rock Os Normais e foi escolhido como o Mel Gibson dos surfistas — em eleição livre e direta — pela revista "TRIP", especializada em young trends."

REVISTA INTERVIEW SEXY
junho 93

ASSINE JÁ

e receba a TRIP por um ano (seis edições)

CR$ 2.500,00

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/10/93

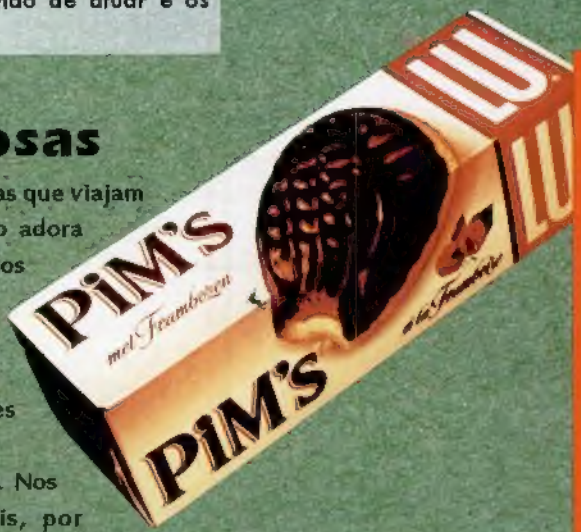
Mesmo que você não assine a TRIP, responda nossa pesquisa e envie para a redação (Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1478 - São Paulo - SP - CEP 04543-011).

NOME IDADE
ENDEREÇO CEP
FONE CIDADE ESTADO
QUE RÁDIO VOCÊ OUVE?
QUE MARCA DE CAMISETA VOCÊ PREFERE?
QUANTAS VEZES POR MÊS VOCÊ VAI AO CINEMA?
QUE MARCA DE CADERNO VOCÊ USA?
QUE MARCA DE TÊNIS VOCÊ USA?

A nº 1 das ilhas

Nos botecos jamaicanos fique frio e peça Red Stripe. Na Indonésia, debaixo do sol de Bali, a cerveja nº 1 é a Bintang. Como toda boa cerveja, a Bintang, devidamente gelada, espanta o gosto de sal e areia da boca.

Coma essas gostosas



É difícil selar unanimidades entre as pessoas que viajam muito. Um prefere o verão de Paris, outro adora esquiar no Chile. Mas numa coisa, 99% dos viajantes internacionais concordam: cobertos com geléia de frutas e encapados com uma camada fina de chocolate, os biscoitos Pim's, da marca Lu, são os melhores do mundo.

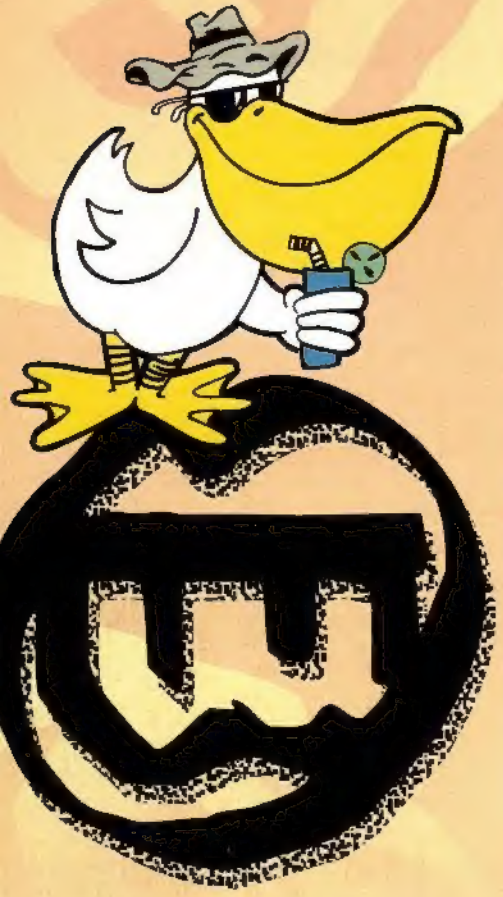
Não é impossível encontrá-los no Brasil. Nos *freeshops* dos aeroportos internacionais, por exemplo, essas maravilhas comestíveis costumam fazer presença nas prateleiras, e um pacote custa em média US$ 2. O departamento de gastronomia internacional da TRIP recomenda os sabores laranja e framboesa.

P.L.

Utwo

Fone e Fax (011) 581-3679

Material chromony prawem autorskim



Mar azul, areia branca, praia limpa.

WAGON SURF LINE

cartas

Deteste, idolatre, espanque, vomite, goze, mas faça alguma coisa. Manifeste a sua vontade. Escreva para a TRIP (av. Pres. Juscelino Kubitischek, 1479, São Paulo, SP, CEP 04543-011.) Se preferir, mande um fax para (011) 829-4355. É importante.

CARTA ABERTA AO BARCINSKI

Barcinski,
Imagino que você irá fazer a crítica do disco novo dos Titãs *(n.r.) — já fez, meteu o pau e a redação da Bizz recebeu cerca de 40 cartas na primeira semana de lançamento crucificando o Barcinski* . Já sei o resultado. Sabe por que? Porque você é abusado, folgado, metido, burro e surdo. Aliás, da próxima vez que você perder o emprego vou ajudar a te destruir. O novo disco dos Titãs é maravilhoso, ô surdo!
***Tatola**, vocalista da banda Não Religião (SP).*

A resposta do colunista não chegou à nossa redação em tempo hábil.

SURF NAS OLÍMPIADAS

Mais uma vez, parabenizo toda a moçada aí da TRIP pelo alto nível das matérias. Aproveito para sugerir um tema: há muito, desde a época da Brasil Surf se fala em construir no Baixo Copacabana plataformas triangulares de concreto, para consolidação de um pico tubular no local. Isso fez até parte das propostas de campanha de alguns candidatos na última eleição do Rio. Isto é realmente viável? Não seria o caso de juntar os interesses da Riotur, pensando em grandes eventos para o local como vôlei, tênis, futvôlei, etc...Dentro da mesma idéia, pode-se também falar das piscinas com ondas artificiais nos Estados Unidos e da questão do surf nas Olímpiadas.
Grande abraço.

Jarbas (DF)

Sugestão anotada, Jarbas.

UMA PORRA!

Como já leio a TRIP há tempos, sinto que a moçada não quer saber nada a respeito de Pombagiras, Deuses do Esporte, Radical Shit e tantas outras merdinhas, porra! Por que não mostrar coisas novas, dicas de picos novos, entrevistar quem está acontecendo na música, dicas de comportamento feminino, festas, soluções de grana para quem quer se descolar, enfim, novidades.

Marcos Faber (SP)

DA PORRA!

Gostei do novo formato da revista. A entrevista com a Cristina Franco, como todas as outras feitas por vocês, está ótima, assim como a reportagem *Deus Ressuscitou* e *O Sagrado e o Profano*. Destaco as colunas do Tico Cavalcanti (muito louca!) e principalmente a *Tripas*, de Ricardo Franca Cruz. Ótimos textos e sacadas geniais.

Luis Fernando Simões (SP)

FORA BARCINSKI!

Na minha opinião, a TRIP é uma revista que está num nível bem superior à qualquer revista brasileira. Na edição nº 12 conheci a Legião Estrangeira. Acabei me aprofundando no assunto e já descobri como ir para lá. Queria conseguir essa edição da TRIP, que me roubaram. Mudando de assunto, gostaria de ver na TRIP reportagens sobre rock nacional, capoeira, Angeli, Laerte e Glauco e repeteco da Julia Petit como Trip Girl. PS: Fora Barcinski! Um cara desses tem que voltar pro *Notícias Populares* urgente, pelo bom andamento da revista.

Mario Sergio Cunha (SP)

Caro Marião
O que é que você tem contra o Notícias Populares? Não vai me dizer que você é do tipo classe média arrogante que está sempre atrás de coisas de "nível" e que despreza o popular. Talvez uns três anos na Legião Estrangeira abram um pouco sua cabeça. Aproveite.

A.B.

BARCINSKI PARA COLORIR

Lendo a edição 33 da TRIP, vi que alguns leitores meteram o pau na TRIP 32. A Erika Palomino é o máximo, se é que vocês me entendem, e o Lindbergh Farias é um lixo mesmo. Agora tem um ponto da TRIP que eu não aguento mais de tanta besteira que é escrita: a coluna do Barcinski. Tirem esse cara daí! Ele não tem nível para escrever nesta revista. Se vocês deixassem a coluna dele em branco tenho certeza que seria de melhor proveito para os leitores. Nos outros aspectos a TRIP é ótima, sempre inovando. É isso aí.

Fábio Alves Pedroso (SP)

Caro Pedroso
Adorei a sua idéia de deixar a coluna em branco. Melhor ainda: a TRIP poderia desenhar na coluna alguns bonequinhos da Disney para você colorir. Isso seria de alto nível.
Abração.
A.B.

Material chroniony prawem autorskim

PHOTO: FERNANDO JEFFZL

8 2 9 3 5 4 4

sete sete cinco

Material chronicony preservation